

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – CCSO
CURSO LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

RAYANNE MONTEIRO DE OLIVEIRA

ME ENSINA A FAZER RENDA QUE EU APRENDO A PRESERVAR: uma
experiência educativa cultural no Projeto Redes e Rendas da Unidade Integrada
Sarney Filho no município de Raposa – MA

SÃO LUÍS
2025

RAYANNE MONTEIRO DE OLIVEIRA

ME ENSINA A FAZER RENDA QUE EU APRENDO A PRESERVAR: uma
experiência educativa cultural no Projeto Redes e Rendas da Unidade Integrada
Sarney Filho no município de Raposa – MA

Monografia apresentada ao curso de graduação em
Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, Centro
de Ciências Sociais, como requisito parcial para obtenção
de grau em Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Dr^a Dulcinéia de Fátima Ferreira

SÃO LUÍS
2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Oliveira, Rayanne Monteiro de.

ME ENSINA A FAZER RENDA QUE EU APRENDO A PRESERVAR :
uma experiência educativa cultural no Projeto Redes e
Rendas da Unidade Integrada Sarney Filho no município de
Raposa MA / Rayanne Monteiro de Oliveira. - 2025.

66 f.

Orientador(a): Dulcinéia de Fátima Ferreira.
Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia,
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2025.

1. Renda de Bilro. 2. Cultura Popular. 3. Educação.
I. Ferreira, Dulcinéia de Fátima. II. Título.

RAYANNE MONTEIRO DE OLIVEIRA

ME ENSINA A FAZER RENDA QUE EU APRENDO A PRESERVAR: uma
experiência educativa cultural no Projeto Redes e Rendas da Unidade Integrada
Sarney Filho no município de Raposa – MA

Monografia apresentada ao curso de
graduação em Pedagogia da Universidade
Federal do Maranhão, Centro de Ciências
Sociais, como requisito parcial para obtenção
de grau em Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em: 06/03/2025

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dulcinéia de Fátima Ferreira (Orientadora)
Doutora em Educação – DEII/UFMA
Universidade Federal do Maranhão

Prof.^a Alda Margarete Silva Farias Santiago
Doutora em Educação – DEII/UFMA
Universidade Federal do Maranhão

Prof.^a Cristina Cardoso de Araújo
Doutora em Educação – DEI/UFMA
Universidade Federal do Maranhão

SÃO LUÍS
2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me permitiu chegar até aqui com força, confiança, dedicação e fé, me ensinando que qualquer desafio pode ser superado, mesmo quando o caminho parece impossível.

Aos meus pais que sempre acreditaram em mim e são base sólida sobre a qual construí meus sonhos, oferecendo suporte incondicional em cada passo desta jornada. Minha mãe, Maria de Lourdes, que mesmo cansada e dolorida das faxinas que fazia em casas e restaurantes me acompanhava na escola e sempre esteve ao meu lado. Ao meu pai, Fernando, que sai para trabalhar de manhã cedo e volta apenas à noite para que nunca falte nada dentro de casa.

A minha irmã, Rayenne, que sempre me apoiou nessa caminhada e me incentivou a nunca desistir.

A minha avó, Maria Vitória, que me levava e buscava na escola enquanto meus pais trabalhavam, sem ela nada disso seria possível.

A minha irmã de coração, Ríllary, que desde o ensino fundamental está ao meu lado me apoiando na alegria e na tristeza, que nos momentos de maior fragilidade é quem me consola e me incentiva a continuar. Sua amizade é meu porto seguro.

As amigas que a Pedagogia me permitiu conhecer, Anne Carollinne, Júlia Soares, Júlia Fernanda, Siuleny, Tatiara e Wendy, que desde o início tornaram os dias da graduação menos cansados e os preencheram com risos e conversas, que sempre estiveram presentes com palavras de encorajamento e força, sem vocês não teria chegado até aqui.

A professora Dulce, que desde o início embarcou comigo nessa jornada de conhecimento da renda de bilro e me acompanhou com confiança e empenho em cada passo dado na escrita deste trabalho.

A Joedna, Darlan, Hildenes, Macilda, Madalena, Maria Antônia, Régia e tantas outras professoras/es que com sua dedicação e amor às aulas, foram fonte de inspiração para que eu escolhesse à docência como carreira.

A Universidade Federal do Maranhão que se tornou minha segunda casa, onde cada desafio enfrentado tornou-se uma vitória compartilhada, que me mostrou que cada lágrima derramada foi um investimento na esperança de um futuro brilhante.

Ao Programa de Educação Tutorial – PET Conexões de Saberes Comunidades Populares que permitiu me aproximar da renda de bilro e contribuiu para que eu conhecesse outras comunidades.

As rendeiras que me acolheram na oficina com carinho e paciência e me ensinaram mais do que poderia aprender em livros.

A toda equipe de gestão da U.I Sarney Filho que me recebeu de braços abertos na escola e possibilitou a realização deste trabalho.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte de minha formação, o meu muito obrigado.

*Olêê mulher rendeira
Olêê mulher rendá
Tu me ensina a fazer renda
Eu, a ti vou estudar
Este teu bem sustentável
Ao teu bem vai retornar*

Mulher Rendeira, adaptação de
Heliana Barriga

RESUMO

Este trabalho investiga a presença e a valorização da renda de bilro no município de Raposa – MA, a partir da experiência educativa no projeto "Redes e Rendas" na Unidade Integrada Sarney Filho. O presente trabalho tem como objetivo conhecer o projeto Redes e Rendas e suas fases de implementação, além de observar e registrar o seu desenvolvimento no ambiente escolar. A renda de bilro é uma prática artesanal que surgiu como uma alternativa ao bordado, em Raposa, a prática foi levada por cearenses, que fugindo da seca chegaram no município e tornaram-se os primeiros moradores do local. A pesquisa analisa como essa tradição cultural pode ser integrada ao contexto escolar, promovendo a preservação da cultura local e a valorização do conhecimento popular. Para isso, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre os significados de cultura, cultura popular e educação e como esses termos se relacionam, além de uma pesquisa de campo com observação participante para acompanhar as atividades do projeto Redes e Rendas na escola, permitindo uma participação direta na experiência educativa cultural. Além disso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com as rendeiras, estudantes e gestora da escola. Durante o processo de pesquisa, a participação ativa no projeto possibilitou não apenas a observação, mas também a vivência da prática da renda de bilro, promovendo um maior envolvimento e pertencimento à cultura local. Os resultados indicam que o ensino da renda de bilro na escola não apenas mantém viva essa tradição, mas também contribui para o aprendizado de habilidades cognitivas e sociais. Além disso, destaca-se a importância da escola como espaço de fortalecimento da identidade cultural e de transmissão intergeracional de saberes. O estudo conclui que iniciativas como o projeto Redes e Rendas são fundamentais para a valorização e preservação da cultura popular e para o desenvolvimento de uma educação mais contextualizada e significativa para os alunos.

Palavras-chave: Renda de Bilro; Cultura Popular; Educação

ABSTRACT

This study investigates the presence and appreciation of bobbin lace in the municipality of Raposa – MA, based on the educational experience in the "Redes e Rendas" project at the Unidade Integrada Sarney Filho school. The objective of this study is to understand the Redes e Rendas project and its implementation phases, as well as to observe and document its development in the school environment. Bobbin lace is a traditional craft that emerged as an alternative to embroidery. In Raposa, this practice was introduced by cearenses who, fleeing drought, arrived in the municipality and became its first inhabitants. This research analyzes how this cultural tradition can be integrated into the school context, promoting the preservation of local culture and the appreciation of popular knowledge. To achieve this, a bibliographic review was conducted on the meanings of culture, popular culture, and education, and how these terms relate to each other. Additionally, a field study was carried out using participant observation to monitor the activities of the Redes e Rendas project in the school, allowing direct engagement in the cultural educational experience. Furthermore, semi-structured interviews were conducted with the lace makers, students, and the school principal. During the research process, active participation in the project enabled not only observation but also direct experience with the practice of bobbin lace, fostering a greater sense of engagement and belonging to the local culture. The results indicate that teaching bobbin lace in schools not only keeps this tradition alive but also contributes to the development of cognitive and social skills. In addition, the study highlights the importance of the school as a space for strengthening cultural identity and intergenerational knowledge transmission. The study concludes that initiatives such as the Redes e Rendas project are essential for the appreciation and preservation of popular culture, as well as for the development of a more contextualized and meaningful education for students.

Keywords: Bobbin Lace; Popular Culture; Education

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1** - Mapa da cidade de Raposa
- Figura 2** - Primeiras casas de Raposa
- Figura 3** - Almofada de bilros e rodilha
- Figura 4** - Bilros
- Figura 5** - Espinhos de mandacaru espetados na almofada
- Figura 6** - Exemplos de linha “grossa” e linha “fina”
- Figura 7** - Papelão pinicado
- Figura 8** - Fachada da Unidade Integrada Sarney Filho após reforma
- Figura 9** - Processo de criação da minha primeira renda de bilro
- Figura 10** - Processo de criação da minha primeira renda de bilro
- Figura 11** - Aluno aprendendo a renda de bilro
- Figura 12** - Minha primeira renda de bilro
- Figura 13** - Minha segunda renda de bilro
- Figura 14** - Organização do estande sobre a renda de bilro
- Figura 15** - Organização do estande sobre a renda de bilro
- Figura 16** - Barco com vela feita de renda de bilro
- Figura 17** - Competição de renda de bilro
- Figura 18** - Competição de renda de bilro
- Figura 19** - Páginas do livro “Raposa, Conhecendo meu Município”
- Figura 20** - Páginas do livro “Raposa, Conhecendo meu Município”
- Figura 21** - Página mostrando um local próximo a minha casa
- Figura 22** - Capítulo sobre a renda de bilro no livro didático
- Figura 23** - Capítulo sobre a renda de bilro no livro didático
- Figura 24** - Local onde a oficina de renda de bilro é realizada
- Figura 25** - Local onde a oficina de renda de bilro é realizada

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
1 RENDA DE BILRO: FIOS QUE CONTAM HISTÓRIAS	15
1.1 Os primeiros contatos com a renda de bilro	16
1.2 Os caminhos de Raposa.....	18
1.3 Raposa: terra da renda de bilro.....	20
2 OS ENTRELACES DA CULTURA, CULTURA POPULAR E EDUCAÇÃO	23
3 REDES DE SABERES E RENDAS DE PRESERVAÇÃO: a oficina da renda de bilro no contexto escolar.....	29
3.1 Caracterização do local de pesquisa	29
3.2 A construção do projeto Redes e Rendas na escola	30
3.3 O ateliê da renda de bilro na escola U.I Sarney Filho	31
3.4 As vivências e experiências na oficina de renda de bilro	34
3.5 Aprendendo com a experiência cultural educativa.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	52
APÊNDICE A	55
APÊNDICE B	59
APÊNDICE C	60

APRESENTAÇÃO

Me chamo Rayanne e sou moradora da Raposa, um município conhecido por suas belas praias, pesca de mariscos e rendas de bilro, localizado na área metropolitana de São Luís, capital do estado do Maranhão. Moro lá desde que nasci, mas passei grande parte dos meus dias em São Luís, por conta dos estudos, e praticamente não vivenciei as experiências culturais e cotidianas do lugar. O que sabia da cidade era o que escutava dos vizinhos, o que via quando ia ao centro da cidade, nos ônibus a caminho da escola e em reportagens que passavam nos jornais locais. Sempre sentia que deveria buscar mais informações, porém nunca o fazia.

Durante a minha jornada na Pedagogia, descobri um grande interesse na área da educação especial e tinha certeza de que minha monografia seria nessa temática, porém, “na hora H”, me vi sem um tema que me causasse uma real inquietação, então comecei a buscar em outras áreas. Essa busca me levou a participar do Programa de Educação Tutorial - PET Conexão de Saberes Comunidades Populares¹, em 2023. Naquele momento, estava em andamento o projeto “Saberes e fazeres das comunidades populares tradicionais: Aprendendo com a experiência” que buscava aproximar a universidade das comunidades, promovendo o diálogo entre diferentes saberes e, como parte das atividades, os discentes puderam vivenciar manifestações culturais diversas. Por coincidência, um dos grupos de estudo estava trabalhando com o tema a Cultura do Rendar, que abordava sobre a renda de bilro no município de Raposa.

Como tinha curiosidade sobre essa prática, decidi entrar neste grupo. No começo, me senti envergonhada por saber tão pouco sobre a vida das rendeiras no município, pois, mesmo morando na cidade há mais de 20 anos, nunca havia explorado a fundo as culturas locais. Contudo, a partir do meu envolvimento no projeto pude me aproximar dos saberes e fazeres da comunidade das rendeiras e conhecer, estudar e vivenciar a cultura do render como um todo.

A renda de bilro é uma técnica artesanal manual que utiliza bilros, pequenos bastões de madeira, para entrelaçar fios, produzindo rendados em formatos de roupas ou peças de decoração. Sabe-se que renda chegou à Raposa através das famílias vindas do Ceará (Maranhão, 2021). Esta cultura do render, que vem de geração a

¹ Este programa será mais bem apresentado no capítulo 1

geração passando essa tradição adiante, de tal forma que essa prática se tornou um dos símbolos da cidade, sendo o município reconhecido como Terra do Artesanato Renda de Bilro.

No ano de 2024, nosso projeto do PET tinha como objetivo a organização de uma exposição fotográfica no município sobre a cultura do rendar. Em uma visita à Associação das Rendeiras Bilro de Ouro, para a realização da exposição fotográfica, tive meu primeiro contato com as rendeiras. Neste dia elas compartilharam informações sobre um projeto local que estavam desenvolvendo e ensinando a prática do rendar a estudantes de uma escola municipal. O objetivo era ensinar a tradição às gerações mais jovens, possibilitando a preservação da cultura do rendar e oferecer uma alternativa econômica por meio do artesanato das rendas. Assim, esse encontro despertou meu interesse em conhecer mais sobre o projeto Redes e Rendas e me levou a definir o tema deste trabalho.

Mobilizada pelo projeto por elas apresentado surge o problema desta pesquisa: Como se dá o processo educativo cultural no projeto Redes e Rendas realizado na escola Unidade Integrada Sarney Filho e de que forma o projeto contribui para a valorização e difusão da cultura da renda de bilro no município de Raposa - MA e sua preservação?

Dessa forma, este trabalho tem como objetivo geral conhecer o projeto Redes e Rendas e identificar como ele contribui para a preservação cultural da renda de bilro na cidade. Os objetivos específicos são conhecer a idealização e as fases de implementação do projeto, observar e registrar através do acompanhamento do desenvolvimento do projeto na escola e analisar como ele contribui para a preservação da cultura da renda de bilro. Para isso, foi realizado um levantamento bibliográfico em torno do eixo culturas populares, processos educativos não escolares e sobre a origem da renda de bilro. Também realizamos uma pesquisa de campo para conhecer mais de perto como foi desenvolvido o projeto na escola.

É importante destacar que a cultura é algo intrínseco aos seres humanos, dessa forma somos produtos e produtores de culturas. Ela está presente em tudo à nossa volta, nas roupas que vestimos, na comida que nos alimenta diariamente, na nossa forma de falar e até mesmo em nosso local de trabalho. Ao nosso ver, fazemos parte de uma cultura é o primeiro passo para a sua preservação e, para isso, é necessário que desde cedo sejamos apresentados a essa cultura, seja no ambiente familiar, escolar ou em outros espaços da sociedade.

Geralmente a família é o primeiro ambiente que nos permite conhecer e vivenciar algumas manifestações. A escola também possui esse papel de extrema importância para a nossa formação intelectual, social e cultural. Quando falamos de ambiente escolar e sua relação com a cultura é importante reforçar o quanto é fundamental que a escola, enquanto instituição social educativa, estabeleça uma aproximação com a comunidade na qual está inserida e leve para dentro do seu espaço as manifestações culturais que a rodeiam, contribuindo para que os estudantes tenham contato com as diversas formas de expressão cultural e se apropriem da sua própria cultura.

De acordo com a Constituição Federal do Brasil (1988), art. 215 “O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.” (Brasil, 1988, n.p). Julgamos importante destacar que a escola jamais poderia se isentar do seu papel educativa cultural e nem impedir que seus estudantes manifestem a sua cultura dentro do ambiente escolar.

No entanto, em contato com várias escolas, percebemos que ainda há um certo distanciamento e, muitas vezes, resistência, por parte das escolas, em levar para dentro das salas de aula os saberes e fazeres relacionados às culturas populares. Esta postura pode ser ocasionada por diversos fatores como a falta de conhecimento dos professores sobre o assunto, a supervalorização dos conteúdos regulares formais, o medo da quebra da laicidade dentro do ambiente escolar, o preconceito e a falta de incentivo para que os manifestantes de uma determinada cultura adentrem o espaço escolar.

É importante destacar que esses fatores contribuem para o distanciamento e às vezes o apagamento de diversas manifestações culturais. Diante desta problemática, e visando fomentar a presença da cultura popular no ambiente escolar, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica discorrem sobre a necessidade de considerar como requisitos para a aprendizagem “a inclusão, a valorização das diferenças e o atendimento à pluralidade e à diversidade cultural, resgatando e respeitando os direitos humanos, individuais e coletivos e as várias manifestações de cada comunidade” (Brasil, 2013, p.27).

O Capítulo I do Plano Nacional de Cultura traz como função do Estado “realizar programas em parceria com os órgãos de educação para que as escolas atuem também como centros de produção e difusão cultural da comunidade” (Brasil, 2010,

n.p). Dessa forma, as escolas atuam como um elo entre a cultura e a sociedade, com o objetivo de ampliar a visualização e práticas culturais dessa comunidade. Além de aproximar a cultura local dos educandos, a escola pode realizar um processo de valorização e difusão da cultura popular para além dos muros da escola, ou seja, ela pode auxiliar na preservação dessa manifestação.

Foi dentro do ambiente escolar que eu, assim como tantos outros estudantes, pude vivenciar minhas primeiras experiências com a renda de bilro, ao participar do projeto desenvolvido na escola. O projeto Redes e Rendas nasceu da parceria entre a Associação das Rendeiras e a Secretaria de Educação, com o objetivo de ensinar às novas gerações conhecimentos sobre tradições locais, como a pesca e a renda de bilro, além de fornecer uma alternativa financeira por meio do artesanato. Levar a renda de bilro para dentro da escola, foi a alternativa encontrada para a preservação desta arte tradicional além de contribuir para que os jovens pudessem se sentir pertencentes a essa manifestação cultural.

O trabalho foi estruturado da seguinte forma: no primeiro capítulo trago a trajetória da renda de bilro, desde sua origem até a chegada na cidade de Raposa, que coincide com a criação do município. No segundo capítulo, é retratado os significados de cultura e como eles influenciam na cultura popular, além de relacionar esses conceitos com a educação. No último capítulo, trago um relato da minha experiência na oficina de renda de bilro na escola e as percepções sobre a preservação da renda de bilro que extraí durante essa vivência.

Para a elaboração do trabalho foi realizado, inicialmente, um levantamento bibliográfico em torno do eixo culturas populares e dos processos educativos não escolares. Buscou-se também, entender o que é, de onde surgiu e como a renda de bilro chegou na Raposa. Após esse levantamento, foi realizada uma pesquisa de campo de caráter exploratório na Unidade Integrada Sarney Filho, localizada no bairro do Centro, Raposa - MA.

O levantamento bibliográfico foi realizado por meio de materiais previamente elaborados como livros, artigos e periódicos científicos e teve como objetivo nos auxiliar na compreensão acerca do tema pesquisado, este procedimento é importante, principalmente, quando se trata de fatos históricos ou um tema muito amplo (Gil, 2002). Assim, os recursos bibliográficos ajudam o pesquisador a entender mais profundamente o seu tema de pesquisa e fundamentam para a ida ao local de pesquisa.

Porém, é preciso ter cuidado com as fontes bibliográficas utilizadas pois “muitas vezes, as fontes secundárias apresentam dados coletados ou processados de forma equivocada. Assim, um trabalho fundamentado nessas fontes tenderá a reproduzir ou mesmo a ampliar esses erros” (Gil, 2002, p. 45). Dessa forma, foi preciso utilizar fontes seguras como revistas científicas e bases de pesquisas confiáveis, já que as obras publicadas nesses locais passam por revisões e ajustes antes das publicações.

A pesquisa de campo “caracteriza-se pela ida do pesquisador ao campo, aos espaços educativos para coleta de dados, com o objetivo de compreender os fenômenos que nele ocorrem” (Tozoni-Reis, 2009, p. 40). O caráter exploratório dessa pesquisa tem como objetivo aproximar e familiarizar o pesquisador com o tema a ser pesquisado, de forma que ele consiga observar e analisar o seu objeto de estudo.

A coleta de dados durante a pesquisa de campo foi feita em duas etapas, a primeira sendo por meio da observação participante, onde participei como agente ativo na oficina de renda ministrada na escola, buscando entender como os alunos aprendiam a renda de bilro. A segunda etapa foi através de entrevistas semiestruturadas onde “o pesquisador usa o roteiro como referência para a entrevista que transcorre de forma mais livre, tal como uma conversa entre entrevistador e entrevistado sobre os temas de interesse da pesquisa.” (Tozoni-Reis, 2009, p. 40). Deste modo a coleta de dados tornou-se mais rica, já que durante a observação participante pude ficar mais próxima tanto das rendeiras quanto dos alunos, o que facilitou a elaboração do roteiro e a entrevista posterior.

Foram realizadas entrevistas com três rendeiras e um “rendeiro” do projeto, que preferiram ser identificados pelos seus nomes verdadeiros, sendo elas Marilene, Maria Auriceia, Maria Aldina e Fredson. Foram entrevistados também três alunos do 7º ano que participaram do projeto, duas meninas identificadas como A1, A2 e um menino identificado como A3, e a diretora geral Hellen, que também preferiu ser identificada pelo seu nome.

Após realização das entrevistas da observação participante foi feita uma análise das respostas procurando identificar e entender qual a visão que eles tinham da presença da renda de bilro na escola, como se dá o processo educacional cultural do projeto e de que forma ele contribui com a valorização e preservação da cultura da renda de bilro no município de Raposa – MA.

A renda de bilro é uma das principais atrações turísticas de Raposa e uma fonte de renda para muitos moradores, mas ainda é pouco explorada pelos estudos

científicos. Portanto, o presente trabalho possui um caráter inédito já que é o primeiro a escrever sobre a relevância do projeto Redes e Rendas para a preservação da renda de bilro na escola U.I Sarney Filho. Um dos pontos principais deste trabalho é incentivar a divulgação dessa cultura que visa levar e mostrar para a universidade e outros espaços sociais e educativos a riqueza da cultura popular da renda de bilro de Raposa.

Por fim, conclui-se que o ensino da cultura da renda de bilro no ambiente escolar contribui para o fortalecimento da identidade cultural local e a valorização dos saberes populares, além de proporcionar aos estudantes o desenvolvimento de habilidades cognitivas e sociais. O projeto também se mostrou fundamental para promover uma troca intergeracional de saberes, integrando a cultura local ao cotidiano escolar. O estudo também destaca as contribuições e importância da continuidade do projeto Redes e Rendas não só para a preservação uma tradição, mas para a construção de uma educação mais contextualizada e significativa, permitindo aos alunos se sentirem parte de sua cultura e história.

1 RENDA DE BILRO: FIOS QUE CONTAM HISTÓRIAS

A renda de bilro é uma tradicional arte de tecer fios com bilros e espinhos ou alfinetes em uma almofada sem o apoio de um tecido, até que eles formem uma peça rendada, ela é uma tradição que vem sendo passada de geração em geração há séculos. Não é possível determinar sua origem exata, mas, de acordo com Matsusaki (2016), sabe-se que ela é uma derivação das tradicionais rendas de agulha que surgiram entre os séculos XV e XVI na Itália e Flandres², que por sua vez, derivam do tradicional bordado. Por influência desses países, tempos depois, a renda de agulhas e bilros se espalhou por toda a Europa, onde países como França e Portugal chegaram a criar seus próprios pontos de renda.

De acordo com Serrão (2019), no mesmo período em que as rendas italianas eram destaque na Europa, as rendas produzidas em Portugal davam seus primeiros passos, isso, por conta da sua extensa atividade marítima, o que permitiu a influência de diversos povos na prática da renda de bilro. De início as peças eram produzidas em conventos e serviam apenas para o ornamento de igrejas e vestes religiosas, mas com o tempo passaram a ser produzidas pelas moças da alta sociedade portuguesa e compunham vestes do dia a dia da nobreza.

Com a popularização da renda portuguesa, “Marquês de Pombal fundou importantes manufaturas de rendas, com a finalidade de tirar do país o pesado tributo que se pagava às rendas estrangeiras” (Serrão, 2019, p. 89). Segundo Costa (2016), essas manufaturas localizavam-se nas proximidades dos litorais do país, pois eram lá que se concentravam grande parte das rendeiras, principalmente na Ilha dos Açores. Foi a partir dessa medida que escolas que ensinavam a fazer as rendas de Portugal se tornaram comuns em outros países e a renda portuguesa tornou-se conhecida ao redor do mundo.

Matsusaki (2016) ressalta o valor econômico e social que as rendas representavam nesse período, onde por ser uma atividade artesanal, era muito requisitada pela nobreza para compor suas roupas e trajes íntimos, tanto para mulheres quanto para homens. No entanto, com a introdução das máquinas na produção têxtil, “o aparecimento das rendas produzidas por máquinas retirou parte do

² Região correspondente à Bélgica atualmente.

seu valor, que estava contido justamente no seu modo de produção artesanal” (Matsusaki, 2016, p.40).

Contudo, de acordo com Palliser (1869) *apud* Matsusaki (2016), mesmo que a industrialização tenha popularizado as rendas de agulha e bilro para as classes mais pobres, a perda de valor atingiu apenas as rendas industrializadas já que, os ricos e nobres continuavam a utilizar as rendas feitas de forma artesanal por conta dos detalhes e acabamentos das peças.

Para Costa, a renda de bilro chegou no Brasil através das mulheres vindas de Portugal que se instalaram principalmente no litoral brasileiro, onde “trouxeram a atividade da renda para enfeitar trajes e alfaias da igreja, além de toalhas, cortinas, lençóis e peças do vestuário da nobreza” (2016, p. 70). E assim como em Portugal, quem produzia as rendas aqui eram as moças de alta classe social, porém com o tempo, essa prática foi popularizada às demais mulheres.

Importante ressaltar que, desde a Itália até a chegada ao Brasil, a renda de bilro sempre foi majoritariamente realizada por mulheres. Como as rendeiras se concentravam na parte litoral do país, elas passaram a utilizar a renda como uma fonte de subsistência quando seus maridos saíam para pescar e passavam longos períodos no mar (Costa, 2016).

Matsusaki (2016) aborda que mesmo sendo descendente direta da renda de Portugal, a renda de bilro brasileira era tida como inferior às produzidas na Europa, pois já não era destinada exclusivamente para a igreja ou para a nobreza, sendo retratada como grosseira e feita com linhas de baixo custo, no entanto, as rendas aqui produzidas eram de tão boa qualidade quanto as europeias. Esse pensamento exemplifica o pensamento sobre cultura da época, onde qualquer coisa produzida fora dos moldes europeus era tratada com inferioridade e desprezo.

No Maranhão, a renda de bilro chegou ainda nos tempos imperiais, quando apenas os ricos faziam renda, porém, esse cenário se modificou à medida que as mulheres escravizadas aprendiam a rendar com as sinhazinhas e as substituíam nesses afazeres (Serrão, 2019). No entanto, a renda de bilro só se consolidou de vez no estado quando emigrantes cearenses se alojaram no município de Raposa.

1.1 Os primeiros contatos com a renda de bilro

Apesar de morar na Raposa desde que nasci, nunca tinha me interessado em aprender algo sobre a renda de bilro, ao ponto de sequer saber o nome completo

dessa cultura. Meu primeiro contato com a renda de bilro se deu ainda criança, quando ia a praia ou comprar pescados com a minha mãe e passava pelo corredor das rendeiras, olhando de relance para as roupas expostas. Mas só fui aprender de verdade o que era a renda de bilro na UFMA - Universidade Federal do Maranhão, com a minha entrada no Programa de Educação Tutorial - PET Conexões de Saberes Comunidades Populares.

O PET - Comunidades Populares é um programa de extensão que visa valorizar e divulgar os saberes de comunidades tradicionais como saberes significativos e educativos, que contribuem para a manutenção e permanência da cultura popular. No processo de aprendizagem dos petianos, sempre é feita uma aproximação e vivência com a comunidade escolhida, buscando aprender esses saberes diretamente com as fontes, e após a finalização da pesquisa, há o retorno na comunidade para apresentar os resultados obtidos.

Segundo Vieira, o grupo busca trabalhar numa perspectiva interdisciplinar e na perspectiva pedagógica

contribui para uma prática docente pedagogicamente fundamentada, pois a experiência acontece vinculada com a responsabilidade social. O petiano/a em formação docente pode considerar os impactos sociais e culturais da vida dos/as educandos e buscar alternativas para suprir as expectativas desses educandos com práticas educativas que façam sentido para esses, de modo que entendam o porquê de aprenderem determinados conteúdos e conceitos (2022, p. 31).

Quando entrei no grupo de extensão em 2023, já havia um projeto em andamento intitulado de “Saberes e Fazeres das Comunidades Populares Tradicionais: Aprendendo com a experiência”, onde subgrupos foram montados e divididos para vivenciar experiências com comunidades e mestres de culturas populares de São Luís, sendo elas Mulheres na Capoeira, Rendeiras da Raposa, Mestra Roxa e Bumba Meu Boi da Floresta. Quando tive a oportunidade de entrar no grupo das rendeiras, fiquei um pouco receosa pois a pesquisa já estava em fase de finalização, e eu não sabia de nada sobre a renda de bilro, mas com o tempo a curiosidade se sobrepôs ao receio.

Como atividade final do projeto Saberes e Fazeres das Comunidades Tradicionais, o grupo havia planejado uma exposição fotográfica em cada comunidade pesquisada. Foi na organização desta atividade que tive meu primeiro contato direto com a renda de bilro. Procurando um lugar para realizar a exposição no município da Raposa, meu grupo e eu fomos parar na Associação das Rendeiras Bilro de Ouro e

foi lá que pela primeira vez vi de perto uma almofada, bilros e rendas que logo chamaram a minha atenção. Quem nos recebeu neste dia foi Marilene, presidente da Associação, que nos explicou várias coisas sobre a renda de bilro e em uma de suas falas citou um projeto que desenvolvia na escola U.I Sarney Filho e nos recomendou fazer a exposição na escola.

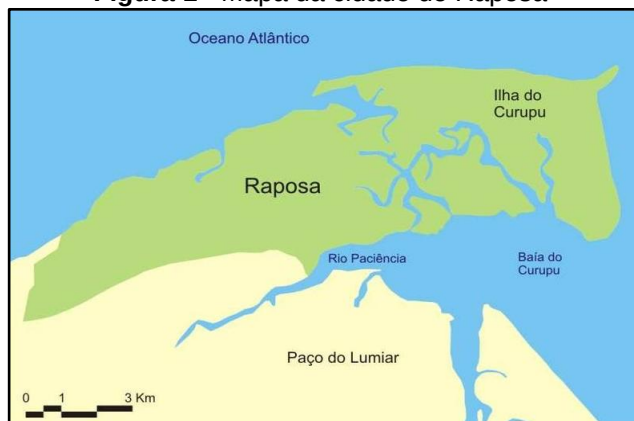
Neste dia não foi possível encontrar a diretora para uma conversa, por isso voltamos para casa com a promessa de voltar em outro dia. O que não imaginava era que, nesse mesmo dia, acabaria encontrando o tema para minha pesquisa de conclusão de curso. Passei vários dias com a conversa em mente, mas foi somente quando assumi a frente da organização da exposição, que resolvi levar adiante trabalhar com a renda de bilro como tema de pesquisa.

Conversei com a tutora do PET (minha orientadora da monografia) sobre minhas questões sobre o projeto Redes e Rendas desenvolvido na escola e sobre a possibilidade da realização da pesquisa. Minha proposta temática foi acolhida pela tutora e então iniciei um processo de criação do projeto e diálogo com as rendeiras na Raposa. Conversei também com Marilene sobre a proposta da pesquisa, que aceitou de imediato minha presença no projeto. Por fim, conversei com a diretora Hellen, que me recebeu de portas abertas na escola.

1.2 Os caminhos de Raposa

O município de Raposa (Figura 1) faz parte da Região Metropolitana da Grande São Luís junto com outros três municípios, sendo eles São Luís, São José de Ribamar e Paço do Lumiar. Em 2022³ possuía pouco mais de 30 mil habitantes, sendo o município com menos moradores da Grande Ilha. No início de 1994, Raposa ainda fazia parte de Paço do Lumiar, até que no dia 10 de novembro do mesmo ano, a cidade conquistou sua emancipação política-administrativa.

³ Fonte: IBGE 2022

Figura 1 - Mapa da cidade de Raposa

Fonte: Prefeitura Municipal de Raposa⁴

Apesar da emancipação em 94, seu processo de ocupação aconteceu entre o fim de 1940 e início de 1950, quando “os estados do Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte foram atingidos por uma das mais violentas secas já ocorridas no Nordeste Brasileiro” (Serrão, 2019, p. 68), obrigando diversas famílias a se mudarem desses locais. Decorrente da localização privilegiada, como porto natural de carga e descarga de pescados e da grande abundância de peixes e mariscos, Antônio Pucal, José Martins, José Maria Castelo, Tirite, Francisco Carlos dos Santos (Chico Noca) fundaram a Vila de Pescadores da Praia da Raposa (Maranhão, 2021).

Quando Chico Noca, um dos pioneiros, chegou à praia de Raposa, só encontrou uma simples palhoça. Adorou o lugar e sentiu que havia descoberto o paraíso. Não perdeu tempo e voltou para o Ceará para buscar a família. Em Acaraú, a notícia correu rapidamente e Chico acabou trazendo dezenas de pessoas para povoar a Raposa. Quando chegou, em 1952, a primeira casa construída nessa praia, foi a de propriedade do Sr. Tirite, o qual foi quem hospedou Chico Noca e toda sua família. Também chegaram as primeiras mulheres rendeiras: Maria Martins dos Santos (esposa de Chico Noca), Maria Saldanha de Oliveira (Mari Véia), Maria Inácia, Maria Bernardina, Creuza Miranda e tantas outras (Maranhão, 2021, p. 58).

Com o estabelecimento das primeiras casas (figura 2) e moradores, a atividade pesqueira tornou-se a principal fonte de sustento das famílias, e para complementar a renda financeiramente, as mulheres começaram a produzir e comercializar a renda de bilro. Porém, a vila era praticamente isolada do resto da ilha

Naquela época, não havia nenhum meio de transporte. Todo o peixe era levado nas costas caminhando-se, pela beira da praia até o Olho d'Água e Turu. Somente anos depois, puderam chegar a São Luís com mais facilidade, assim começou a se formar o povoado de Raposa (Maranhão, 2021, p. 58).

⁴ Disponível em: <<https://raposa.ma.gov.br/municipio/mapa>> Acesso em: 28 dez. 2024

Figura 2 - Primeiras casas de Raposa



Fonte: Erasmo Barros

Esse cenário só se modificou com a construção da MA-203 (antiga Estrada do Peixe) que liga São Luís - Raposa, facilitando a comercialização dos produtos. A construção da estrada contribuiu também para o aumento da população vinda de outros municípios do Maranhão que buscavam morar mais próximo da Grande São Luís.

Atualmente a pesca, a agricultura e o turismo são as principais fontes de renda do município, todos os anos milhares de turistas visitam Raposa interessados nas praias e nas “Fronhas Maranhenses” (expressão utilizada em alusão aos Lençóis Maranhenses). Além das belezas naturais, a culinária marcada por pescados e frutos do mar e a produção artesanal da renda de bilro, são outros aspectos que chamam a atenção para a cidade.

1.3 Raposa: terra da renda de bilro

Por conta da sua origem, o fazer renda de bilro em Raposa ainda é muito semelhante aos cearenses onde, “as rendeiras seguem a tradição de se sentar ou no chão ou num banco e se posicionar diante de uma almofada de bilro. Essa almofada, por sua vez, é colocada em cima de um banco, para ficar na altura das mãos da rendeira” (Costa, 2016, p. 72). Até as rendas produzidas são semelhantes as cearenses, visto que somente as rendeiras mais experientes identificam as diferenças entre elas, diferenças essas que estão principalmente nos acabamentos, onde de acordo com elas, as rendas feitas em Raposa são mais “grosseiras” do que as cearenses (Aboud, 2019). Entretanto, é importante ressaltar que mesmo com a diferença citada, as rendas produzidas na Raposa são de extrema qualidade e refino,

onde a dedicação e a experiência das rendeiras na produção dos detalhes das peças, se sobressaem a qualquer diferença com as rendas cearenses.

Essa prática do rendar é facilmente visualizada quando se chega no centro da cidade, no local chamado corredor das rendeiras. O corredor das rendeiras está localizado nas margens da Avenida Principal de Raposa e consiste em várias lojas e casas onde as rendeiras residem e comercializam seus produtos, na frente desses locais é possível observar as mulheres fazendo a renda de bilro, que pode ser tanto para a venda quanto um *hobby* para passar o tempo (Serrão, 2019).

Buscando unificar os trabalhos das rendeiras de Raposa e facilitar a comercialização, foi criada em 1988 a Associação das Rendeiras Bilro de Ouro, responsável por receber encomendas e encaminhá-las às rendeiras associadas, onde as mesmas produzem as peças em casa e entregam a associação para a venda (Serrão, 2019). Além da comercialização, a associação é responsável por divulgar a renda de bilro em feiras e eventos realizados dentro e fora da cidade.

Visando reconhecer a prática da renda de bilro, a Câmara Municipal de Raposa instituiu através da Lei Nº 321/2018, o Dia Municipal da Rendeira a ser comemorado no dia 8 de março. Como todas as rendeiras em atividade são mulheres, este dia foi escolhido pois

o Poder Executivo aproveitará as comemorações do Dia Internacional da Mulher para destacar a importância dessas profissionais à comunidade do Município através de palestras sobre a(o) atividade/ofício e por meio de amostras culturais das produções (Raposa (MA), 2018, p. 01).

Além do reconhecimento municipal, em 2024, a cidade de Raposa foi reconhecida pela Assembleia Legislativa do Estado do Maranhão como Terra do Artesanato Renda de Bilro pela Lei Estadual Nº 12.262 (Maranhão, 2024).

No entanto, mesmo buscando o reconhecimento, essa prática vem passando por muitos desafios para manter a sua permanência na cidade. O primeiro desafio é a descaracterização do corredor das rendeiras, que era composto por palafitas das primeiras famílias que chegaram na cidade, e ao longo do tempo, foram substituídas por casas de alvenaria, e por serem construídas em um terreno de mangue, que não suporta o seu peso, com os anos apresentam rachaduras e correm o risco de desabamento.

Outro desafio, segundo Ferreira, et al (2024), é a falta de interesse das gerações mais novas em aprender a fazer a renda de bilro, são poucas as filhas que desejam aprender com as avós e mães a prática do rendar, resultando na maior parte

das rendeiras em atividade serem mulheres já idosas. Por conta dessa falta de interesse, algumas oficinas de renda eram realizadas esporadicamente em espaços da cidade, visando a divulgação da prática e atrair novas pessoas, até que em 2023, uma oficina permanente, é parte do projeto Redes e Rendas, para ensinar a renda de bilro para estudantes, foi criada na Unidade Integrada Sarney Filho.

2 OS ENTRELACES DA CULTURA, CULTURA POPULAR E EDUCAÇÃO

A palavra cultura deriva do latim *colere* e o primeiro significado atribuído a esta palavra foi cultivo, a atividade de cultivar alimentos, de lavrar a terra. De acordo com Marilena Chauí (2008), a cultura nesse sentido é uma atividade desempenhada desde as primeiras civilizações que conduzia à plena realização das potencialidades de uma pessoa, ou seja, o cultivo era visto como o responsável pela edificação do ser humano.

No entanto, a partir do Iluminismo, a cultura deixou de ser um “minucioso processo material, o qual veio a ser metaforicamente transposto para os assuntos do espírito” (Eagleton, 2000, p.12). Assim, o novo significado atribuído à cultura se distancia do cultivo da terra e passa a valorizar a moral e intelecto do ser humano, atrelando-se aos ideais iluministas da época que buscavam a valorização do conhecimento científico.

Ainda de acordo com Terry Eagleton (2000), nesse período o conceito de cultura se relaciona ao de civilização pois, o homem só seria capaz de ter um desenvolvimento intelectual, espiritual e material se fosse um ser civilizado e para possuir esse *status*, ele deveria ter boas maneiras e comportamento ético em sociedade. Corroborando com a ideia de Eagleton, Chauí discorre que

Com o Iluminismo, a cultura é o padrão ou o critério que mede o grau de civilização de uma sociedade. Assim, a cultura passa a ser encarada como um conjunto de práticas (artes, ciências, técnicas, filosofia, os ofícios) que permite avaliar e hierarquizar o valor dos regimes políticos, segundo um critério de evolução (2008, p. 55).

Nesse sentido, conforme Chauí, a cultura passa a ser um critério de medição para avaliar se uma sociedade está progredindo ou não, conforme os europeus determinaram como civilizados.

Por conta dessas novas práticas atribuídas para conceituar o que é ou não cultura, ela assume um papel de elitização da sociedade e de hierarquização de classes sociais, onde aqueles indivíduos que não se adequassem a cultura padrão ao local que estavam inseridos, não eram considerados pessoas cultas, e portanto, não teriam a capacidade de compreender certos aspectos culturais como as artes e a ciência e não poderiam frequentar espaços que dispunham desse elementos.

Como no período do Iluminismo a Europa era o centro do mundo e estabeleceram os critérios de medida, qualquer sociedade cuja cultura fugisse do modelo clássico europeu, era considerada inferior, arcaica, primitiva e por isso,

precisava se adequar para chegar aos padrões europeus e tivessem algum progresso. De acordo com Veiga-Neto (2003), essa diferenciação e hierarquização dos modelos de cultura servia de justificativa para as grandes nações colonizadoras da época para a dominação e exploração de sociedades consideradas inferiores.

Dessa forma, cabia ao colonizador “ensinar” o que era a verdadeira cultura para esses povos, já que consideravam seus saberes culturais superiores aos demais. Por conta desse sentimento de superioridade intelectual e cultural por parte do colonizador/invasor, muitas civilizações nativas foram extintas ao longo dos séculos, e com elas se foram também seus saberes intelectuais e culturais.

Chauí (2008), aponta que a noção de cultura vai se movimentando e uma nova mudança no significado de cultura é desenvolvido entre os séculos XIX e XX por filósofos alemães e antropólogos europeus que buscam desfazer a ideologia etnocêntrica e imperialista da cultura que foi imposta durante séculos pelas grandes nações europeias, dessa forma, o conceito de cultura passa a ser entendido como

produção e criação da linguagem, da religião, da sexualidade, dos instrumentos e das formas do trabalho, das formas da habitação, do vestuário e da culinária, das expressões de lazer, da música, da dança, dos sistemas de relações sociais, particularmente os sistemas de parentesco ou a estrutura da família, das relações de poder, da guerra e da paz, da noção de vida e morte. A cultura passa a ser compreendida como o campo no qual os sujeitos humanos elaboram símbolos e signos, instituem as práticas e os valores, definem para si próprios o possível e o impossível, o sentido da linha do tempo (passado, presente e futuro), as diferenças no interior do espaço (o sentido do próximo e do distante, do grande e do pequeno, do visível e do invisível), os valores como o verdadeiro e o falso, o belo e o feio, o justo e o injusto, instauram a idéia de lei, e, portanto, do permitido e do proibido, determinam o sentido da vida e da morte e das relações entre o sagrado e o profano. (Chauí, 2008, p. 57).

A partir dessa nova significação, a cultura deixa de ser relacionada apenas às belas artes, ciência e bons comportamentos. Ela passa a representar toda a vida, história e religiosidade de um povo, passa a caracterizar a diferença entre as culturas como algo que compõe a identidade de um povo, dessa forma, a cultura deixa de ser utilizada como um instrumento de segregação dos indivíduos de uma sociedade.

No entanto, ainda de acordo com Chauí (2008), esse novo conceito de cultura esbarra nas diferenças de conceitos de sociedade e comunidade, onde enquanto na comunidade há indivisão interna e a ideia de bem comum são a sua marca, a sociedade é regida pelo capitalismo que incentiva e promove a divisão de classes sociais, que por consequência, reproduzem a divisão cultural.

Dessa forma, mesmo que o conceito de cultura tenha mudado no decorrer da história, no senso comum ainda nos deparamos com a mesma ideia de diferenciação da época do Iluminismo, “o que se evidencia é um corte no interior da cultura entre aquilo que se convencionou chamar de cultura formal, ou seja, a cultura letrada, e a cultura popular, que corre espontaneamente nos veios da sociedade” (Chauí, 2008, p. 58). Assim, toda cultura que não atende aos requisitos de uma sociedade, é considerada inferior e menosprezada por esses indivíduos.

A cultura popular é um termo utilizado para definir um conjunto de tradições e saberes passados de geração em geração, mas para Chauí, a cultura popular não é um termo tão simples de se caracterizar

Seria a cultura do povo ou a cultura para o povo? A dificuldade, porém, é maior se nos lembrarmos de que os produtores dessa cultura – as chamadas classes “populares” – não a designam com o adjetivo “popular”, designação empregada por membros de outras classes sociais para definir as manifestações culturais das classes ditas “subalternas”. Assim, trata-se de saber quem, na sociedade, designa uma parte da população como “povo” e de que critérios lança mão para determinar o que é e o que não é “popular” (1985, p. 10).

No debate sobre cultura, a cultura popular se muitas vezes é vista como uma cultura inferior às demais culturas que, por ter sido criada e transmitida pelas classes não dominantes da sociedade, como se não possuísse saberes relevantes para serem ensinadas nos espaços sociais, conceito este desenvolvido e amplamente divulgado pelos iluministas.

Segundo Chauí (2008) e Eagleton (2000), o conceito inferiorizado de cultura popular sofre uma breve modificação a partir do século XVIII, quando os defensores do movimento romancista, que se opunham ao classicismo, declaram que a cultura popular não é uma cultura subalterna, mas, uma cultura do povo bom, que expressa a alma e o espírito de uma nação. Dessa forma, houve uma intensa romantização do conceito de cultura popular, que foi o responsável por modificar o conceito de cultura nos séculos seguintes.

No século XX, o surgimento de uma indústria cultural trouxe novos olhares sobre a cultura popular. Chauí discorre que essa indústria “separa os bens culturais pelo seu suposto valor de mercado: há obras ‘caras’ e ‘raras’, destinadas aos privilegiados que podem pagar por elas, formando uma elite cultural; e há obras ‘baratas’ e ‘comuns’, destinadas à massa” (2008, p. 59). Dessa forma, enquanto alguns aspectos da cultura popular foram comercializados e transformados em produtos para as elites sociais, outros permaneceram inferiorizados e marginalizados.

No Brasil, Brandão (2008) exemplifica essa separação a partir das culturas produzidas no Sul-Sudeste, que constantemente são vistas com um olhar de cultura “superior” às produzidas nas demais regiões do país, isso pois, essas culturas estão mais atreladas a indústria cultural e as elites sociais, enquanto as culturas das demais regiões, mais empobrecidas, é vista como “popular”.

Arantes (1990), esse reforça que essa separação fortalece a ideia de ser alguém ‘culto’, uma pessoa que possui refino, estudo, elegância e bom gosto, enquanto aqueles que não se encaixam nesse padrão seriam apenas o ‘popular’. Porém, a cultura popular também pode assumir “papel de resistência contra a dominação de classe” (Arantes, 1990, p. 07), já que

Ao contrário da indústria cultural, os brincantes da cultura popular produzem cultura a partir de uma tecnologia mecânica simples, em tudo diferente da tecnologia característica do capitalismo tardio. A energia que as manipula é basicamente humana, centrada na corporalidade, no uso das mãos, do controle do processo produtivo/ criativo pelo corpo, esvaziando assim os elementos de força produtores do simulacro, reencantando-os, ao mesmo tempo em que trazendo-nos de volta para uma dimensão mais próxima do real (Brandão, 2008, 09).

A cultura popular leva o homem a assumir o protagonismo de uma criação cultural autêntica, livre e popular, fortalecendo a sua formação política, social e cultural (Brandão, 1985). Assim como as demais culturas, a cultura popular é detentora de saberes, tecnologias e conhecimentos únicos, que permite que seus praticantes exerçam o papel de protagonismo na sua construção e nas relações sociais, desde que entendam o papel e a importância da cultura que exercem (Silva, 2008). Para que os indivíduos entendam esse papel da cultura popular na sociedade, a educação é o principal meio de aprendizagem e valorização.

Segundo Ferreira e Caciatori, a educação popular

é uma educação do povo e com o povo, não uma educação inferior pensada para o povo. Uma educação que propõe uma leitura crítica da realidade, uma consciência de si e seu lugar no mundo como membro de uma classe social: a classe trabalhadora. A educação popular não separa a dimensão teórica da prática, como sendo momentos distintos, mas defende a práxis, que é justamente a união dialética entre teoria e prática (2022, p. 03).

Assim, a educação popular se difere do que Paulo Freire chamou de educação bancária, pois ela estimula a criatividade e a busca a formação integral do indivíduo no aspecto social, político e cultural, enquanto a educação bancária busca formar um indivíduo propenso a alienação, uma pessoa que não saiba fazer uso de uma visão crítica na sua realidade, que por fim subjuga-se a opressão da classe dominante. De acordo com Freire (1970) a educação bancária é praticada quando o

professor vê seu aluno apenas como um ‘banco’ vazio a ser preenchido de conhecimentos, desconsiderando todo o saber que esse aluno carrega consigo.

A educação bancária valoriza a individualidade, criando uma sociedade adoecida pela competitividade e violência, ela gera indivíduos estressados, desenraizados e sem pertencimento (Gohn, 2005). E é essa falta de pertencimento que provoca a desvalorização da cultura popular, pois como o indivíduo não se enxerga como parte daquela determinada cultura, não há o sentimento de preservá-la para as próximas gerações.

A educação popular ensina através do coletivo e da vida cotidiana, para que as aprendizagens tenham significados e deixe marcas de vivência na vida dos educandos. De acordo com Rolnik, “as marcas são os estados vividos em nosso corpo no encontro com outros corpos, a diferença que nos arranca de nós mesmos e nos torna outro” (1993, p. 05). Dessa forma, a educação popular nos tira da zona de conforto e nos faz pensar para além de nós mesmos, revivendo e causando marcas que dão significado ao que aprendemos e a nossa vida.

Assim, para que possamos realizar um processo educativo que promova uma aprendizagem significativa e de qualidade social necessitamos mais do que apenas o ensino dos conteúdos regulares, é preciso que a escola vá ao encontro das comunidades em que estão inseridas e reconheça as culturas populares que as constituem são dotadas de conhecimentos importantes para a formação da identidade cultural do estudante. A escola também possui o desafio de reconhecer o seu importante papel para a continuidade dessas manifestações na sociedade, já que, em muitos casos, ela pode ser o primeiro ambiente de contato direto de crianças e adolescentes com a cultura popular que a cerca.

Brandão destaca que a escola e a educação como um todo seria muito mais significativa e de qualidade para os alunos se não se prendesse tanto aos currículos feitos

Se ela ousasse reencontrar um sentido menos utilitário e mais humanamente integrado e interativo em sua missão de educar pessoas. Um dos passos nesta direção seria o de reintegrar e fazer interagirem as diferentes criações culturais do espírito humano, com um mesmo valor. Ensinar a pensar e sensibilizar o pensamento entretecendo a matemática e a música, a gramática e a poesia, a filosofia e a física (2008, p. 37).

A escola precisa incluir nos seus currículos o redescobrimento do valor humano e artístico das criações populares, para que seus alunos possam se reconhecer como pertencentes a essa cultura, para que eles possam passar adiante

esses conhecimentos e não deixar essas culturas se apagarem da história (Brandão, 2008). No entanto, essa inclusão não pode ocorrer somente em datas comemorativas ou nas aulas de história, ela precisa estar presente ao longo do ano e em todas as disciplinas, para que os estudantes percebam que essa cultura não está presente em apenas um dia ou uma semana do ano, mas em todos os momentos da sua vida.

Por fim, a educação popular permite a troca de experiências e saberes entre professores/as e alunos, pois ela entende que ambos são detentores de saberes culturais distintos, onde tanto o aluno aprende com professor quanto ele aprende com alunos, há uma relação de cumplicidade com ambos (Rolnik, 1993). Diferentemente da educação tradicional que promove a transmissão de conhecimentos e a memorização de conteúdos, que não se relacionam com a vida cotidiana do educando.

Assim a relação entre cultura popular e educação promove avanços e liberdades que a educação bancária não consegue desenvolver, e, portanto, percebe-se a importância de trabalhar com a cultura popular dentro do ambiente escolar, pois ela promove benefícios que vão para além dos muros da escola. A educação tem um papel fundamental em demonstrar aos seus alunos que o que eles presenciam na vida cotidiana, faz parte do seu processo educacional e precisa estar presente em sala de aula.

3 REDES DE SABERES E RENDAS DE PRESERVAÇÃO: a oficina da renda de bilro no contexto escolar

3.1 Caracterização do local de pesquisa

A Unidade Integrada Sarney Filho é uma das mais de vinte escolas que integram a rede educacional de Raposa, atende a etapa do ensino fundamental anos iniciais pela manhã, com 13 turmas do 1º ao 5º ano e anos finais pela tarde com 13 turmas do 6º ao 9º ano e atualmente possui 726 alunos matriculados ao todo. Está localizada no bairro do Centro, e foi uma das primeiras instituições de educação pública criada no município e possui mais de quarenta anos de existência e atendimento à comunidade.

Atualmente, é uma das 19 escolas da rede que oferecem educação de tempo integral em Raposa, onde cada turma faz o revezamento de três dias em tempo integral e dois dias em tempo parcial. O revezamento é necessário pois é a escola que atende o maior quantitativo de alunos do município, e sem ele não seria possível implementar o tempo integral.

O projeto de educação em tempo integral na escola Sarney Filho iniciou-se durante a pandemia de Covid-19 em 2020, de maneira “informal”. Nesse período, com o fechamento temporário da escola, os alunos tiveram que assistir as aulas de casa, no entanto, como muitos não tinham condições materiais de acompanharem os professores ao vivo, as aulas gravadas e atividades eram passadas através de grupos de mensagem. Aos alunos que não tinham acesso a internet, as atividades eram impressas e disponibilizadas para retirada na escola e em alguns casos, alguns professores chegaram a levar essas atividades até as casas dos alunos.

Porém, mesmo a escola buscando alternativas para que todos pudessem assistir às aulas, diversos alunos ainda ficaram sem acesso a elas. Quando retornaram ao presencial, o corpo docente e gestão perceberam o impacto das aulas remotas e da falta de acesso às aulas nos alunos e com o apoio da Semed - Secretaria Municipal de Educação de Raposa, resolveram colocar aulas no contraturno, duas vezes na semana, para suprir a defasagem principalmente nas disciplinas de português e matemática.

Nesse mesmo período, o município começou a implementação das políticas de fomento à educação em tempo integral em suas escolas. A partir das

demandas que foram surgindo dos alunos e professores e das atividades que já estavam sendo desenvolvidas na escola, o projeto de tempo integral foi desenvolvido e está em funcionamento na unidade escolar. Contudo, para que a escola pudesse receber novas atividades, era necessária uma reforma na estrutura física (figura 3), que foi iniciada ainda durante a pandemia e concluída em agosto de 2023.

Figura 3 - Fachada da Unidade Integrada Sarney Filho após reforma



Fonte: Google Maps

Com isso, a escola aumentou o número de salas de aula de 8 para 13 salas climatizadas e com televisores, banheiros com acessibilidade, pátio coberto, consultório para atendimento odontológico, laboratório de robótica e arte e renovação do mobiliário. Com a reforma, foi possível oferecer alimentação para que os alunos pudessem passar o dia todo na escola, sem precisar ir para casa na hora do almoço como antes acontecia. Também foi possível a implementação de novas oficinas como a de luta, comunicação, pesca e renda de bilro.

3.2 A construção do projeto Redes e Rendas na escola

O projeto Redes e Rendas surgiu a partir da união entre Associação das Rendeiras e Secretaria de Educação, que buscaram em conjunto, desenvolver um projeto que pudesse ensinar as culturas locais como a pesca e a renda de bilro para os mais jovens e uma forma de transmitir os saberes tradicionais da cultura do rendar, além de ser uma oportunidade para se obter uma renda extra através do artesanato. A partir dessa união, foram criadas as oficinas de renda de bilro e pesca, onde além de ensinar a prática aos alunos, ensina-se também a importância e influência dessa prática para nas suas vidas. Na escola as oficinas surgiram a partir da necessidade de complementar as demais disciplinas que seriam oferecidas no tempo integral, onde de acordo com a gestora

***Hellen:** a escola, por exemplo, não tinha só a necessidade do português e da matemática [...], cada instituição foi vendo as suas necessidades, de acordo com a sua localidade.*

Por estar localizada próxima ao Corredor das Rendeiras e a Associação das Rendeiras, a U.I Sarney Filho foi escolhida para sediar a oficina de renda de bilro, sendo, até a escrita deste trabalho, a única escola a oferecer essa oficina em toda e rede. A oficina funciona três vezes por semana no período da manhã e tarde e é aberta a qualquer estudante que queira participar, além da prática, os alunos também aprendem sobre a renda de bilro nas aulas em sala de aula.

As responsáveis pela oficina são as rendeiras associadas, que se ofereceram para ensinar os alunos, mas assim como qualquer professor, elas passaram por formações e instruções de como ensinar crianças e adolescentes, além de participarem de todas as atividades que envolvem a escola como reuniões e planejamentos. Todas ganham uma bolsa de incentivo por parte da Semed, no valor de mil reais.

3.3 O ateliê da renda de bilro na escola U.I Sarney Filho

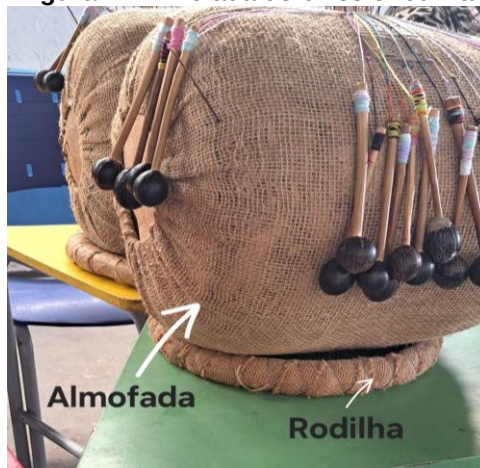
O início da renda de bilro em Raposa está ligado à fundação da própria cidade, onde as mulheres vindas do Ceará, trouxeram todos seus saberes em torno da prática do rendar, saberes esses que foram sendo passados por avós, mães e filhas. Apesar da renda de bilro de Raposa ter vindo do Ceará, ao longo do tempo, essa prática sofreu algumas modificações, isso aconteceu, pois, alguns materiais não eram encontrados no Maranhão e para que a renda continuasse a ser feita, foram sendo adaptados com materiais locais, tornando a renda de bilro de Raposa uma prática de artesanato sustentável (Aboud, 2019).

A almofada de bilro (Figura 4) é um exemplo, pois é feita a partir de

folhas secas de bananeira e encapada com estopa ou rede (de balançar) velha, forma a base para a confecção das rendas [...] A almofada é construída de maneira a não agredir a natureza, pois as folhas de bananeiras utilizadas sempre estão secas (já não servem mais para a própria bananeira) e são comuns na Raposa. A estopa é um pano mais rústico e firme, normalmente usada para encapar a almofada. Quando ficam velhas, as almofadas são preenchidas com mais folhas secas de bananeira e encapadas novamente para ficarem mais firmes (Aboud, 2019, p. 49).

A rodilha (Figura 4), usada para sustentar a almofada, também é feita da bananeira, mas especificamente da entrecasca, e depois é enrolada e amarrada com o mesmo material da almofada.

Figura 4 - Almofada de bilros e rodilha



Fonte: autora (2024)

Os bilros (Figura 5) foram adaptados com materiais facilmente encontrados na região como a semente de tucum nas pontas e haste de pau d'arco, que por ser uma madeira muito resistente, pode durar gerações, mas caso não se consiga fazer dessa madeira, é utilizada uma planta regionalmente chamada de varinha de maria angélica, que de tempos em tempos precisa ser trocada pois se desgasta mais rápido (Aboud, 2019). Importante ressaltar que a troca de materiais não influencia na qualidade da renda, pois esta depende exclusivamente da habilidade da rendeira.

Figura 5 - Bilros

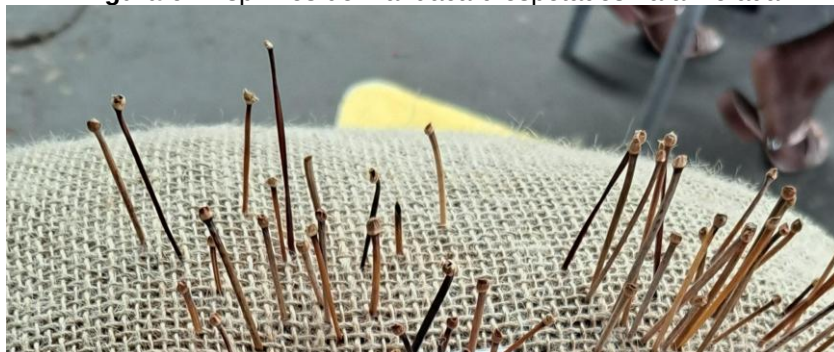


Fonte: autora (2024)

De acordo com Aboud (2019), os alfinetes utilizados para sustentar a trama, fechar os pontos e formar os desenhos na renda foram substituídos pelos espinhos de mandacaru (Figura 6) pois, por conta da proximidade com o mar, os alfinetes de metal enferrujam muito rápido e sujam a renda que está sendo produzida, além de

quebrarem no processo. E mesmo que os espinhos se quebram com o passar do tempo, eles podem ser adquiridos mais facilmente, porém, como na Raposa não há essa variedade de espinhos disponível na natureza, as rendeiras os encomendam diretamente do Ceará.

Figura 6 - Espinhos de mandacaru espetados na almofada



Fonte: autora (2024)

A linha utilizada para a confecção da renda é de algodão, e os fios podem ser de cores únicas ou coloridos, mas durante o trabalho de renda elas podem ser misturadas nos bilros. De acordo com Aboud (2019), existem dois tipos de linhas para fazer a renda de bilro, a primeira e mais utilizada na Raposa é a linha “grossa” (figura 7) pois é mais fácil de se trabalhar com ela, e a segunda é a linha “fina” que, por ser muito delicada, pouquíssimas rendeiras conseguem fazer alguma peça com ela.

Figura 7 - Exemplos de linha “grossa” e linha “fina”



Fonte: Dulcinéia Ferreira (2024)

E por fim, existe o papelão pinicado (figura 8) que “é uma espécie de molde das rendeiras para suas peças, é o responsável pela arte final da renda” (Aboud, 2019, p. 49). Em cada furo desse molde, é colocado um espinho, responsável por fechar o

ponto, e a medida que a renda é feita esse espinho é retirado desses furos. Esse material é feito de papelão de caixas velhas e com papel quadriculado, utilizado para fazer as primeiras marcações antes de passar para o molde final, o que deixa os furos para os espinhos mais alinhados

Figura 8 - Papelão pinicado



Fonte: autora (2024)

Segundo Aboud (2019), o papelão é a parte mais complexa da renda de bilro pois, são poucas as rendeiras que sabem fazer as marcações no material pois é preciso ter a técnica de saber onde furar para formar os desenhos na renda, e as que sabem fazer teriam que deixar de lado suas encomendas para elaborarem novos modelos, por isso, preferem utilizar moldes prontos ou criar modelos mais simples e rápidos.

3.4 As vivências e experiências na oficina de renda de bilro

Enquanto eu e meu grupo estávamos preparando a exposição fotográfica, comecei minhas primeiras vivências na oficina de renda de bilro. No primeiro dia, minha intenção era apenas ter uma conversa com a diretora e observar um pouco a dinâmica da oficina, mas assim que cheguei ao espaço onde a atividade era realizada e me apresentei às rendeiras, logo fui convidada a aprender na prática como se faz a renda.

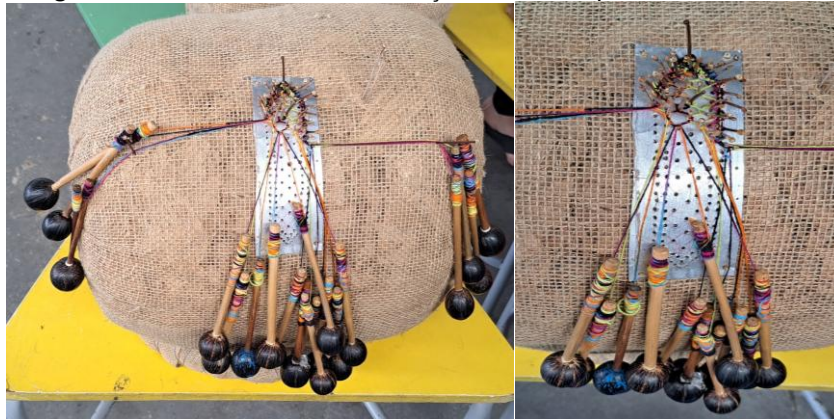
Apesar da predominância feminina na renda de bilro, nesse dia, meu professor foi um homem, seu Fredson, ou como é chamado na escola, seu Fred. Aquilo me chamou a atenção, pois, mesmo com pouco contato com a renda de bilro

até ali, sabia que eram incomuns homens praticarem essa atividade, e questionei seu Fred sobre como ele foi parar na oficina de renda:

Fredson: *Eu entrei de “gaiato” aqui, eu sou da oficina de pesca, mas como faltava gente pra ensinar a renda de bilro, de vez em quando eu vinha ajudar no que dava e fui aprendendo com elas, e hoje eu ensino os alunos a fazer também.*

De início ele foi me explicando sobre cada material, a almofada, os espinhos e os bilros, e depois me ensinou como rendar. Nas almofadas presentes na escola, havia doze bilros em cada, onde em cada mão fica um par de bilros, os bilros da mão esquerda sempre passam por baixo e os da mão direita sempre passam por cima, quando o trançado chega no furo marcado do papelão, é a hora de colocar o espinho e fechar o ponto. Em algumas marcações, era preciso dar voltas na linha, e quando não havia mais como fazer o trançado, era hora de trocar os bilros da mão, dessa forma, fui fazendo minha primeira renda.

Figuras 9 e 10 - Processo de criação da minha primeira renda de bilro



Fonte: autora (2024)

Enquanto fazia minha renda, observei que alguns alunos foram chegando no espaço e se sentando para fazer a renda de bilro. Aqueles que já possuíam o domínio dessa prática, ficavam sozinhos e de vez em quando umas das rendeiras passava para observar o andamento da atividade ou eles pediam ajuda quando erravam ou tinham dúvidas se estavam fazendo certo, já aqueles que não sabiam ou ainda não conseguiam fazer sozinhos, uma das rendeiras se sentava do lado (figura 11) e ia explicando e ajudando no rendar, assim como seu Fred estava fazendo comigo.

Figura 11 - Aluno aprendendo a renda de bilro



Fonte: autora (2024)

Quando finalizei a renda que estava fazendo (figura 12), já estava na hora da saída dos alunos e percebi o quanto aquela atividade tinha me deixado concentrada, ao ponto que não notei o passar das horas. De acordo com seu Fred, isso também acontecia com alguns alunos que chegavam despretensiosamente na oficina, e no decorrer da aula se encantavam com a prática, saindo de lá apenas para assistir outra aula ou ir para casa.

Figura 12 - Minha primeira renda de bilro



Fonte: autora (2024)

No segundo dia de observação, seu Fred estava ocupado com a montagem de uma rede de pesca e, por isso, me lançou um desafio, fazer a renda sem ele do lado. Fiquei um pouco nervosa de início, afinal só havia feito isso uma única vez, mas ele assegurou que qualquer dúvida era para eu chamá-lo que ele viria, e assim eu comecei a confecção da minha segunda renda de bilro. Precisei pedir ajuda algumas vezes, pois não lembrava de algumas coisas da aula anterior, e em um momento tive que refazer parte do rendado pois havia errado o ponto, mas para a minha surpresa, me saí melhor que no primeiro dia e minha renda apresentava menos erros que a primeira (figura 13).

Figura 13 - Minha segunda renda de bilro



Fonte: autora (2024)

Com o passar dos dias, ao mesmo tempo que fazia minha renda de bilro, ia conversando com as rendeiras e buscando entender como funcionava a oficina. A partir dessas conversas e das observações, notei que não havia uma obrigatoriedade de participação na oficina, eram os alunos que escolhiam qual atividade eles iriam realizar e podiam participar de outra oficina caso quisessem.

Situação essa que ocorreu em uma das tardes que passei no projeto, um aluno estava participando da oficina de pesca, e em vários momentos ele olhava de canto de olho para a oficina de renda. Quando terminou a atividade que estava realizando, saiu para lancha e voltou para o espaço que os alunos estavam rendando, notando a curiosidade do aluno, Marilene o convidou a se sentar em frente a uma almofada e foi ensinando o passo a passo de como fazer a renda de bilro.

De acordo com ela, havia um tempo que esse aluno estava de olho na oficina, mas sempre que ela o convidava, ele recusava, e foi apenas naquele dia que ele aceitou pela primeira vez o convite para participar da atividade. Quando perguntei se a recusa poderia ser em relação à renda de bilro ser associada ao feminino, Marilene me contou que provavelmente não, já que os mais interessados na oficina de renda na escola eram os meninos.

Me admirei com a resposta, pois acreditava que as meninas seriam as mais interessadas, mas Marilene conta que apesar de haver mais meninas na oficina, os meninos se interessavam mais por conta de uma estratégia utilizada por ela para chamar a atenção deles que consistia em comprar as rendas feitas por eles. Como os alunos não podiam passar a tarde toda na oficina, por conta de outras disciplinas, eles não conseguiam confeccionar uma renda inteira, por isso, Marilene estabeleceu um

tamanho no molde, e caso o aluno conseguisse fazer esse tamanho, ela ganhava uma certa quantia em dinheiro.

Marilene: *Eles falam assim pros outros “vou ali ganhar um dinheiro”, e vem pra cá fazer renda, e eles fazem rápido, rapidinho eles ganham um ou dois reais, e voltam feliz da vida pra casa porque ganharam dinheiro com o trabalho deles.*

Ela também conta que caso alguns alunos se saíssem muito bem na confecção da renda de bilro, ela tinha a intenção de presentear esses alunos com uma almofada de bilro e comprar as peças feitas por eles para revender na associação, dessa forma, eles poderiam produzir a renda em casa e assim ganhar uma renda extra. No momento da pesquisa, Marilene já tinha identificado o potencial de uma aluna na escola, e pretendia dar a ela os materiais necessários para que ela começasse a fazer a renda de bilro.

Nesse momento da pesquisa, estava se aproximando o aniversário de 30 anos de emancipação política de Raposa, e em comemoração a data a escola iria realizar uma feira científica e pediu que fizéssemos a exposição fotográfica do PET no dia da feira. Essa oportunidade se tornou especial pois além de devolver para a comunidade os resultados da pesquisa, pudemos contribuir com a atividade sobre a renda de bilro desenvolvida pelos alunos. Um dia antes da feira, eu e a tutora do PET, fomos na escola ajudar com a organização do estande que trabalharia sobre a renda de bilro e que iria expor as fotos da pesquisa (figuras 14 e 15).

Figuras 14 e 15 - Organização do estande sobre a renda de bilro



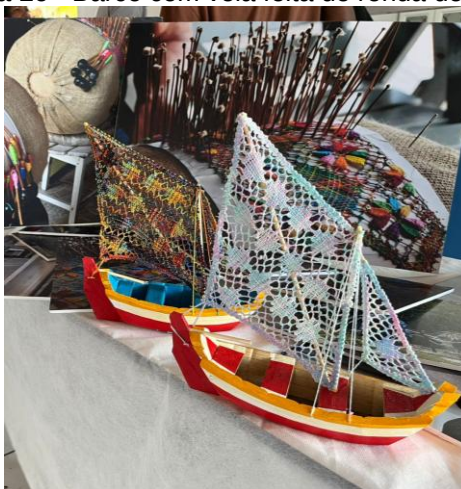
Fonte: autora (2024)

Durante a montagem do estande, notei que o estande ao lado também abordaria a renda de bilro, mas sob a perspectiva da matemática. Ao perguntar para o professor responsável sobre como o tema foi desenvolvido, ele relatou que, inicialmente, não sabia como relacionar a matemática com a renda de bilro. Contudo, após uma conversa com as rendeiras, ele percebeu que as rendas apresentam

diversos formatos geométricos semelhantes que se repetem ao longo das peças. Assim, ele decidiu explorar os conceitos de simetria e isometria na renda de bilro.

Enquanto arrumávamos a mesa que iria expor algumas fotos, maquetes e rendas, um aluno passou por mim e falou “Tia, quem fez essa vela (do barco) fui eu”, quando perguntei se tinha feito sozinho, ele me respondeu que não mas que a maior parte foi ele que tinha feito e enquanto ele falava comigo, pude perceber o orgulho que aquele aluno sentia de ter uma peça feita por ele (figura 16), durante a oficina de renda, sendo exposta para a comunidade.

Figura 16 - Barco com vela feita de renda de bilro



Fonte: autora (2024)

No dia da feira, além dos responsáveis pelos alunos estavam presentes também pessoas da comunidade do entorno da escola e autoridades da prefeitura de Raposa. Nesse dia, haveria também uma competição de renda de bilro (figuras 16 e 17), onde os alunos disputaram por prêmios em dinheiro para os primeiros colocados. Segundo Marilene, a competição era uma atividade comum entre as filhas das rendeiras quando crianças, mas ao invés do dinheiro, o prêmio era um conjunto de trinta espinhos para a ganhadora, para que ela pudesse fazer suas próprias rendas.

Figuras 17 e 18 - Competição de renda de bilro



Fonte: autora (2024)

Com o término da competição, finalizou-se também a feira de ciências que deu de presente aos visitantes marcadores de páginas feitos durante o ano todo pelos alunos da oficina de renda de bilro. O projeto continuou funcionando após a feira, mas como já era final do período e os alunos já estavam fazendo as avaliações finais, resolvi realizar as entrevistas eles e depois com as rendeiras.

3.5 Aprendendo com a experiência cultural educativa

O projeto Redes e Rendas me proporcionou mais do que aprender sobre a renda de bilro, ele me permitiu conhecer sobre a cidade que moro e as pessoas que vivem nela. Em entrevistas com as rendeiras, pude notar que a renda de bilro é mais do que uma atividade financeira, para elas o rendar significa toda uma vida dedicada a essa arte

Marilene: *comecei com 7 anos de idade, aprendi com a minha mãe, foi ela que me ensinou, naquela época a gente tinha um poder aquisitivo bem baixo e renda de bilro junto com a pesca era o complemento familiar.*

Maria Aldina: *comecei a fazer renda com 10 anos, aprendi com uma vizinha, via ela fazendo e ficava curiosa, aí perguntei pra ela se ela podia me ensinar, aí ela me ensinou e até hoje eu tô aqui fazendo.*

Maria Auriceia: *comecei com 7 anos, quem me ensinou foi a minha mãe, ela era rendeira também, mas deus já levou ela, ele que deixou isso pra mim.*

Ao contar de como aprendeu a renda de bilro, Marilene lembra de como era aprender a prática nessa época, onde a mãe cavava um pequeno buraco na areia para apoiar a almofada e sentada ao seu lado ela ia aprendendo como rendar olhando a mãe. Já seu Fred, é o único dos professores que não aprendeu a renda de bilro na infância, ele conta que na época, via a mãe e a irmã fazendo a renda, da mesma forma

contada por Marilene, e enquanto isso ele saía para pescar com o pai e se ocupava fazendo redes de pesca. Foi somente a partir do projeto que ele pode aprender a renda bilro.

Dessa forma, podemos perceber que o projeto não atingiu somente os alunos, mas os professores de outras oficinas, que através da necessidade de auxiliar as colegas, acabaram aprendendo esse ofício e passando para frente essa aprendizagem. Assim, a escola foi se tornando um lugar de memória, que de acordo com Horta (2005) são locais onde as experiências coletivas constroem o sentimento de reconhecimento de um povo e faz com que os membros desse local se sintam pertencentes a esse lugar.

O projeto foi muito importante para que eu mesma pudesse me sentir parte dessa comunidade. Durante a minha participação, não aprendi apenas sobre a renda de bilro, mas sobre o processo de formação da minha cidade e a história de seus moradores, pude perceber o quão rica é a cultura que me cerca e que devo lutar para a sua preservação, para que as gerações que venham depois, possam ter a oportunidade de conhecê-la também.

Durante as entrevistas, todas as rendeiras falam que a renda de bilro já não é mais a sua fonte de renda principal, além do recebimento das bolsas no valor mil reais, Marilene e Fred trabalham na área da educação, atuando como supervisores escolares, Maria Aldina vive da pesca, e Maria Auriceia já é aposentada. Entretanto, elas nunca pensaram em deixar de lado a prática da renda de bilro, sempre realizando-a nos momentos de calmaria da oficina ou nos dias de folga da escola.

Questionadas sobre o porquê se ofereceram para ensinar a renda de bilro para os estudantes, elas responderam que o principal motivo era a baixa adesão dos jovens para aprender a renda, inclusive filhas e netas que não quiseram aprender de forma alguma. O medo da renda de bilro sumir com a morte das rendeiras, uma vez que a maioria já é idosa, levou essas rendeiras a ensinarem no ambiente escolar, buscando a preservação dessa prática,

Marilene: *o projeto foi um sonho da Associação das Rendeiras, e como presidente, a gente tinha esse sonho para que a cultura não acabasse, de implantar nas escolas pra que viesse colocar em práticas com os alunos, para que eles pudessem dar continuidade na arte de fazer a renda.*

Hellen: *Partimos do ponto de entender como a geração que está na escola hoje entende a renda de bilro e como poderíamos fazer o resgate cultural dela, porque, quando a gente pensa em escola em tempo integral a gente imagina numa perspectiva de que a inovação tem de ser o cargo chefe, só*

que só se inova a partir do momento em que o aluno se sente pertencente ao ambiente que ele está.

A partir da fala de Marilene e Hellen, podemos perceber o quão importante foi a parceria entre a Secretaria de Educação e a Associação das Rendeiras para a elaboração do projeto Rede e Rendas pois, pôde-se levar para dentro da escola os conhecimentos, saberes e práticas dessa comunidade, que são essenciais para a formação da identidade cultural da Raposa. Trabalhar com os saberes locais facilita o processo de reconhecimento e pertencimento dos alunos com a renda de bilro, que passam a se sentir parte dessa comunidade. Eles também passam a apreender a partir da sua realidade, tornando esse aprendizado mais significativo, relevante e engajador.

O fortalecimento entre escola e comunidade cultural é corroborado pelo Plano Nacional de Cultura que traz como estratégias e ações:

1.10.8 Atuar em conjunto com os órgãos de educação no desenvolvimento de atividades que insiram as artes no ensino regular como instrumento e tema de aprendizado, com a finalidade de estimular o olhar crítico e a expressão artístico-cultural do estudante;

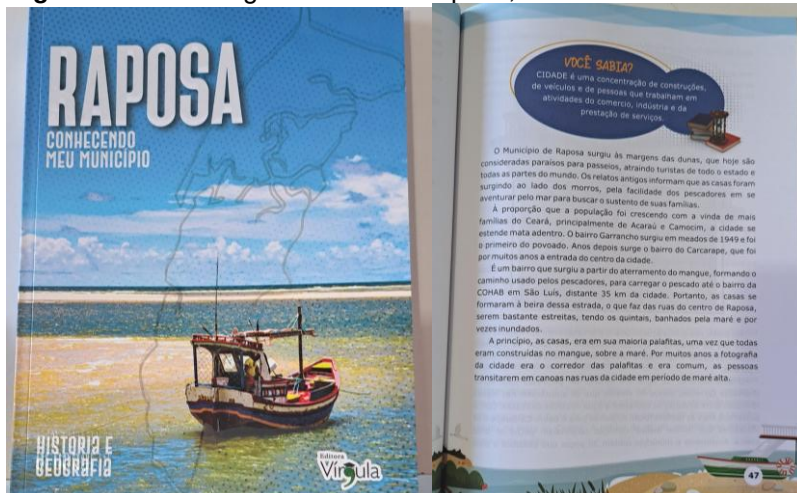
1.10.9 Realizar programas em parceria com os órgãos de educação para que as escolas atuem também como centros de produção e difusão cultural da comunidade.

2.1.2 Criar políticas de transmissão dos saberes e fazeres das culturas populares e tradicionais, por meio de mecanismos como o reconhecimento formal dos mestres populares, leis específicas, bolsas de auxílio, integração com o sistema de ensino formal, criação de instituições públicas de educação e cultura que valorizem esses saberes e fazeres, criação de oficinas e escolas itinerantes, estudos e sistematização de pedagogias e dinamização e circulação dos seus saberes no contexto em que atuam (Brasil, 2010, n.p).

Dessa forma, notamos que essa parceria está de acordo com as propostas culturais e educacionais fomentadas pelos órgãos governamentais, que fomentam essa união visando promover um ambiente educacional mais diversificado, o fortalecimento do vínculo com comunidade em torno da escola e o desenvolvimento de habilidades socioemocionais ao trabalhar na escola com práticas colaborativas, artísticas e reflexivas da cultura local.

A participação das rendeiras na elaboração do projeto também contribuiu para a criação de um material didático que conversasse com o que seria ensinado nas oficinas e com a história do município. O livro intitulado de “Raposa, Conhecendo meu Município” (Figura 18 e 19) foi feito em parceria com os professores da rede municipal, a prefeitura de Raposa e as rendeiras da Associação em 2023. Ele traz conteúdos de história e geografia voltados para a cidade como a fundação de Raposa, primeiros moradores, cultura, demografia, culinária, vegetação, clima entre outros.

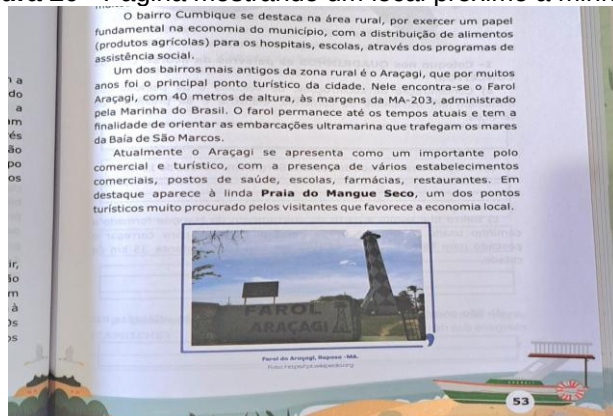
Figura 19 e 20 - Páginas do livro “Raposa, Conhecendo meu Município”



Fonte: autora (2024)

A elaboração de um material didático que converse com a realidade do estudante é também uma das estratégias trazidas no Plano Nacional de Cultura, onde a partir desse material e do incentivo às pesquisas seria possível difundir conteúdos multiculturais, étnicos e de educação patrimonial (Brasil, 2010). Esse livro tornou-se muito significativo para mim pois em uma das páginas há uma foto de farol que fica próximo a minha casa, e depois de anos estudando com livros que traziam coisas e locais que não conversavam o meu cotidiano, pela primeira vez eu pude me ver como parte da história contada no livro.

Figura 20 - Página mostrando um local próximo a minha casa

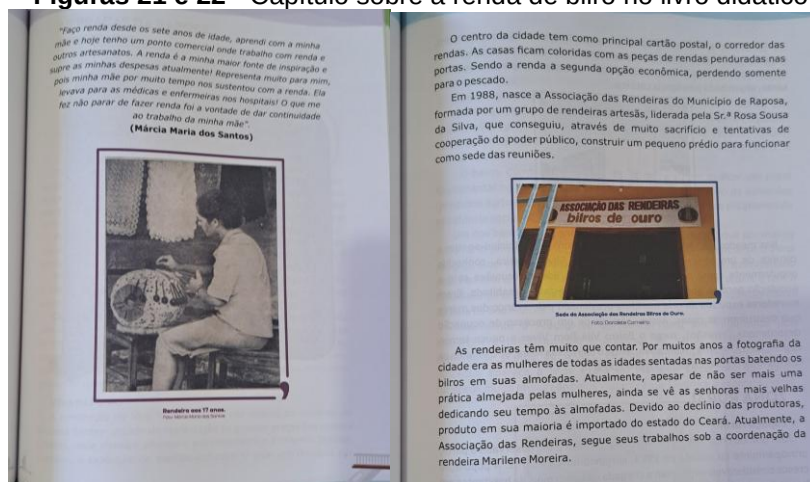


Fonte: autora (2024)

A partir desse material didático os alunos passaram a estudar sobre a história de Raposa e suas culturas dentro das salas de aula, e principalmente sobre a renda de bilro cujo livro possui um capítulo dedicado a falar sobre. Essa incrementação no currículo escolar foi de suma importância, visto que, ao conversar com A1, A2 e A3,

todos relataram que conhecem a renda de bilro nas aulas de história e geografia, e esse conhecimento foi um dos motivos que os levaram a participar da oficina de renda.

Figuras 21 e 22 - Capítulo sobre a renda de bilro no livro didático



Fonte: autora (2024)

A1: Eu comecei a fazer quando eu vi os professores falando sobre e vi minha prima fazendo também

A2: Eu quis participar porque eu achei interessante e bonita as rendas

A3: No começo eu não me interessei muito, eu via os outros fazendo e pensava que era chato, mas a partir das aulas eu fiquei curioso, fui fazer e achei legal

Um ponto em comum com as três falas foi o fato de a curiosidade ter feito ambos procurarem a oficina de renda para aprender a prática. Na entrevista com as rendeiras, elas falaram que foi esse o ponto que utilizaram para chamar a atenção dos alunos para participar do projeto, já que quando eles olhavam outros colegas fazendo as rendas, se sentiam interessados em fazer também, e os que gostaram da prática continuaram no projeto. As rendeiras também contam que o interesse com a renda de bilro não atingiu apenas os alunos, mas os professores também, apesar de nenhum ter ido de fato à oficina aprender a prática.

Silva (2008), enfatiza que é fundamental que a escola e os educadores estimulem constantemente nos alunos a

curiosidade pelas culturas e identidades tradicionais, divulgando-as para que sejam conhecidas e reconhecidas na sociedade abrangente, de modo que seja transmitida a vontade de aprender, vivenciar, compreender, repassar e reinventar as tradições (p. 89).

Dessa forma, a curiosidade auxilia não só no processo de aprendizagem do aluno, mas no seu desenvolvimento social e na sua formação crítica, pois a curiosidade gera interesse, e isso os leva a buscar mais conhecimento acerca do tema estudado.

Outro ponto que as rendeiras utilizaram para chamar a atenção dos alunos foi a comercialização dos seus produtos. Marilene conta que todos da oficina, ela estabelecia uma meta para os alunos, aqueles que alcançassem esse objetivo, ganhariam uma certa quantia em dinheiro.

Marilene: Eu levava cinquenta reais toda semana pra escola, à medida que eles iam terminando o trançado eu anotava o nome e depois dava um ou dois reais, no último dia faltava dinheiro de tanto que eles produziam. Eles falam assim 'vou ali ganhar um dinheiro pro lanche' e vem pra cá fazer renda e ganham uns trocados.

Esse incentivo financeiro é muito importante pois, dessa forma, é possível demonstrar aos alunos que a renda é uma atividade que pode gerar dinheiro, já que esse um dos principais motivos que levam as demais pessoas a não fazer a prática. Demonstrar que eles podem ganhar seu próprio dinheiro a partir do artesanato é um fomento para que eles possam continuar a praticar a renda de bilro fora do projeto e depois que saírem da escola, já que quando questionados se dariam continuidade com a prática, apenas A1 demonstrou interesse em seguir com a renda de bilro como fonte de renda. A2 e A3 responderam que não pretendem ter como fonte de renda, mas como *hobby* para descansar a mente no futuro.

Outra questão destacada pelas rendeiras foi a participação masculina na oficina. De acordo com elas, os meninos são os que mais se engajaram no projeto, realidade bem diferente do lado de fora da escola onde as mulheres são a maioria. De acordo com Marilene, essa grande participação de meninos se deve muito ao incentivo financeiro dado por ela, que utilizavam o dinheiro em lanches ou em materiais escolares.

Durante a entrevista, A3 contou que a prática da renda ficou ainda mais interessante quando o professor de matemática passou a trabalhar com as formas geométricas na renda de bilro, e que foi através das aulas de matemática e com o auxílio das rendeiras que conseguiu fazer seu primeiro papelão pinicado. Assim, podemos perceber que a renda de bilro não é estudada isoladamente das demais disciplinas, ela se integra e torna as aulas mais atrativas e interessantes para os alunos, fazendo com que eles relacionem o seu cotidiano com o que aprendem em sala de aula.

Ao questionar as rendeiras se elas perceberam alguma modificação na vida escolar dos alunos que participam do projeto elas responderam:

Maria Auriceia: *Com certeza, tem uns que melhoraram muito na frequência, deixaram de faltar mais, tem outros que melhoraram a concentração, eles mesmos falam isso pra gente, que quando fazem a renda eles se sentem bem.*

Marilene: *Sim, muito, a gente percebe que eles ficaram mais curiosos e que passaram a ficar menos agitados*

Ainda de acordo com as rendeiras, elas contam que no início os alunos não tinham muita paciência para ficar sentado trançando os fios, mas que à medida que foram se interessando pela oficina, eles passaram a se concentrar muito mais e não só na renda de bilro, mas nas demais disciplinas da escola. Com relação à frequência, pude participar de uma das reuniões de conselhos de classe da escola e percebi que havia muitos alunos faltosos e que já até haviam reprovado ou evadidos da escola, quando conversei com Marilene sobre o assunto, ela conta que houve alguns casos de alunos que estavam na mesma situação, mas que a partir da participação na oficina, diminuíram o número de faltas e passaram a frequentar mais a escola.

Brandão (1982) discorre que quando a educação fica aprisionada pelos sistemas de educação, ela se torna propriedade do educador e dos profissionais da escola e, portanto, não corresponde à realidade do aluno que está em sala. Esse aprisionamento do saber provoca o descontentamento de muitos estudantes que não conseguem ver a escola como um espaço de desenvolvimento, mas como um local de transmissão de conhecimentos conteudistas, dessa forma, acabam abandonando seu processo educacional por não se enxergarem naquele ambiente. Assim, é necessário destacar a importância da oficina de renda de bilro para que os estudantes possam se ver presentes na escola, que lá eles podem aprender não só os conteúdos curriculares, mas sobre sua identidade, a vida da sua comunidade e a sua vida.

Também questionei sobre como as rendeiras avaliaram o andamento do projeto e o que elas desejavam mudar para o ano seguinte:

Marilene: *Foi bom, no próximo ano a gente já vai trazer novos modelos porque esse daqui, marcador de páginas, eles já fizeram. Gostaria de mudar o lugar, queria uma sala reservada pra oficina, pra gente sair e deixar o material arrumado pq se deixar do lado de fora eles estragam.*

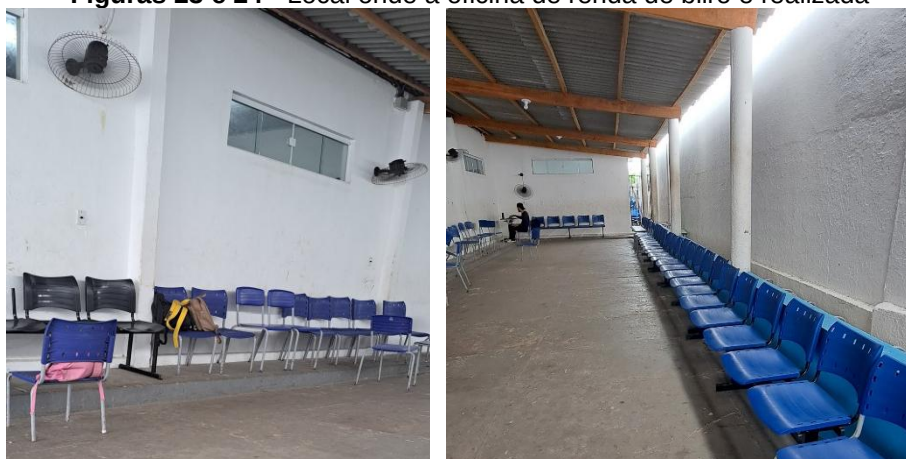
Maria Auriceia: *Eu gostei, eu espero que nunca acabe, gostaria de ter mais alunos pra ensinar, ter mais professoras pra ensinar em outras escolas.*

Fredson: *Foi bom, gostaria de mudar a questão do espaço porque são 3 no mesmo lugar, renda, pesca e taekwondo e às vezes fica muito barulho e desconcentra quem tá fazendo a renda, erra o ponto.*

Diante das respostas e da minha participação na oficina, é possível notar que a maior demanda do projeto é a falta de um espaço adequado para a realização das

rendas (Figuras 23 e 24). O local onde a oficina acontece é uma espécie de pátio onde outras duas oficinas funcionam, e por conta do barulho e do calor, há uma desconcentração dos alunos, principalmente os iniciantes. O maior desejo das rendeiras é uma sala apenas para a realização do projeto e para guardar os materiais com segurança.

Figuras 23 e 24 - Local onde a oficina de renda de bilro é realizada



Fonte: autora (2024)

Outro ponto destacado por elas é o desejo de ampliar o projeto para outras escolas do município, para que mais alunos tenham acesso a renda de bilro, entretanto a falta de rendeiras para ensinar dificulta a expansão, pois apesar de haver outras rendeiras disponíveis, elas não se sentem confortáveis em ensinar outras pessoas, principalmente adolescentes

Marilene: *Não há planos para expandir por conta da quantidade de professoras, rendeira tem muita, mas poucas querem vim ensinar, muitas não tem paciência. Porque pra ensinar tem que gostar, não é só pelo dinheiro, tem que ter amor a profissão, pra passar os conhecimentos tem que saber passar, não é de qualquer jeito.*

A fala de Marilene é muito importante pois percebe-se a preocupação de colocar pessoas que realmente saibam o que estão fazendo, que realmente estejam dispostas a participar da aprendizagem dos alunos. Essa preocupação é ainda mais válida pois as rendeiras não atuam somente na oficina, em casos de alunos que estejam ociosos elas tomam a frente e passam atividades e trabalhos em grupos para os alunos realizarem. Elas também participam de outras atividades dentro da escola como reuniões, conselhos e projetos de exposição, e, portanto, elas precisam estar preparadas para as imprevisibilidades que venham ocorrer de maneira firme e paciente.

Por fim, questionei se queriam continuar no projeto Redes e Rendas ou se já tinham outros planos para o ano seguinte

Marilene: *Com certeza.*

Maria Aldina: *Sim, pq eu gostei de estar com eles, ensinar eles, eu vou sentir falta deles nas férias.*

Maria Auriceia: *Sim, porque é bom demais.*

Fredson: *Sim, eu tô gostando é uma atividade prazerosa pra mim.*

Assim, apesar dos desafios enfrentados pelo projeto pude notar que todos estavam muito felizes de terem realizado esse desejo de ensinar a renda de bilro para os mais jovens. Era possível observar um sentimento de orgulho diante do trabalho feito durante todo o ano na oficina. Quando as rendeiras falavam dos alunos que já sabiam fazer as rendas sozinhos e até mesmo ensinavam seus colegas, era possível notar o quanto elas ficavam felizes com o avanço deles. Assim, torna-se necessário destacar a importância do seu trabalho com esses alunos.

Ao participar de um projeto como o Redes e Rendas, educandos e educadoras experienciam vários princípios da educação popular. Podemos destacar o diálogo, respeito ao processo do aprender, valorização do avanço de cada um e a criação do vínculo entre eles.

Hellen: *A história precisa ser narrada verbalmente para que a gente comece também a entender, ela precisa ser contada, né? O que não é contado morre, e que lugar melhor de contar que não é escola, que é local de fazer história.*

Dessa forma, é possível afirmar que o projeto conseguiu levar a cultura do rendar para dentro da escola, contribuindo para a preservação da renda de bilro em Raposa através do ensino pautado na curiosidade dos alunos e no seu reconhecimento como parte dessa cultura. Ao fazer o aluno se sentir pertencente a cultura local, não é apenas a preservação da cultura que está sendo fomentada, mas também todo o processo educacional desse aluno, que passa a se ver como parte de uma comunidade e estabelece uma conexão de proximidade com ele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura popular, apesar de ser frequentemente marginalizada, desempenha um papel fundamental na construção da identidade dos educandos, com este projeto podemos confirmar o quanto é essencial que a escola inclua de forma contínua no currículo os saberes culturais tradicionais, promovendo um aprendizado significativo e integrado à vida cotidiana e permitindo que os estudantes reconheçam seu valor e a preservem.

Ao mergulhar na experiência do projeto Redes e Rendas, pude viver um aprofundamento na tradição da renda de bilro em Raposa - MA, hoje posso destacar sua relevância cultural, social e educacional. O projeto Redes e Rendas mostrou-se uma importante iniciativa para a preservação desse saber popular dentro do ambiente escolar, promovendo uma troca de conhecimentos entre gerações e incentivando a valorização da identidade cultural local. A pesquisa bibliográfica também foi de suma importância para a realização deste trabalho, já que a partir dela, foi possível conhecer a história não só da renda de bilro, mas a história do próprio município, que surgiu a partir das primeiras famílias vindas do Ceará, trazendo consigo toda a sua riqueza cultural.

Riqueza essa responsável por tornar a cidade de Raposa a os mais tarde Terra do Artesanato Renda de Bilro. O reconhecimento dessa cultura em leis e projetos desenvolvidos por entidades governamentais fortalece a permanência da renda de bilro como parte da vida dos moradores de Raposa e valoriza o trabalho das rendeiras de hoje e do passado. Após acompanhar e estudar sobre a cultura do rendar podemos afirmar que levar a renda de bilro para dentro da escola é de suma importância, já que a escola muitas vezes é a porta de entrada para que o aluno conheça e se sinta interessado a aprender sobre a cultura que o rodeia.

O envolvimento dos estudantes na prática do rendar possibilitou não apenas o aprendizado técnico, mas também um contato mais próximo com as rendeiras, a história e a cultura da cidade. Muitos alunos passaram a perceber a renda de bilro como um elemento importante de sua identidade, ressignificando essa arte que, por vezes, é vista como uma atividade exclusiva das gerações mais antigas. A participação masculina também foi um ponto de destaque, uma vez que tradicionalmente a renda de bilro é associada ao trabalho feminino. O interesse dos meninos pelo aprendizado da técnica mostrou que a cultura pode ser vivenciada sem

distinções de gênero, reforçando a importância de projetos que promovam a inclusão e a diversidade nas práticas culturais.

A experiência relatada pelas rendeiras e pelos alunos demonstrou como a renda de bilro pode ser um instrumento pedagógico, proporcionando não apenas o aprendizado de uma técnica artesanal, mas também auxiliando no desenvolvimento de habilidades cognitivas e sociais. Além disso, o incentivo financeiro oferecido pelo projeto revelou-se um fator motivador para muitos participantes, mostrando que a valorização cultural pode estar diretamente associada à viabilidade econômica e a melhoria de vida.

Outro aspecto relevante foi a parceria entre a Associação das Rendeiras e a Secretaria de Educação de Raposa. Essa colaboração possibilitou que o projeto fosse implementado de forma estruturada, garantindo materiais e suporte pedagógico para os alunos. Além disso, a criação de um material didático que aborda a história da renda de bilro e sua importância para a comunidade foi um avanço significativo para a valorização da prática no município.

Podemos também afirmar que a continuidade do projeto Redes e Rendas é essencial para a perpetuação dessa arte. Para isso, é fundamental que haja políticas públicas voltadas para o fortalecimento de práticas culturais locais dentro do ambiente escolar. A implementação de oficinas permanentes e o incentivo à comercialização das peças produzidas pelos alunos podem contribuir para que a renda de bilro não apenas continue viva, mas também prospere como uma alternativa econômica viável.

Por fim, este trabalho possui uma importante relevância acadêmica, visto que, é a primeira pesquisa que estuda diretamente o projeto Redes e Rendas e seu processo de impacto na preservação da cultura da renda de bilro. Esta pesquisa também teve um impacto pessoal significativo, permitindo uma redescoberta das minhas raízes culturais e reforçando a importância da valorização da cultura local. O contato direto com as rendeiras, estudantes e educadores proporcionou uma experiência enriquecedora, destacando que a educação vai além do ensino formal e se entrelaça com os saberes populares.

Me sentir parte dessa cultura faz com que o sentimento de preservá-la se avivasse, da mesma forma que os alunos estão fazendo ao levar a renda de bilro para a sua vida cotidiana. Assim, a renda de bilro não deve ser vista apenas como uma tradição do passado, mas sim como um patrimônio vivo, que pode se reinventar e continuar fazendo parte da identidade de Raposa. A escola, ao abrir espaço para o

ensino dessa arte, cumpre um papel essencial na manutenção da cultura e na formação de cidadãos que reconhecem e valorizam seu próprio patrimônio cultural. Pois o ensinar a fazer renda possibilita que todos os envolvidos aprendam a preservar esta cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABOUD, Camila de Pádua. Colaboração e Correspondências: o design participativo no complexo de valores da renda de bilro na Raposa – MA. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Design/CCET) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2019.

ARANTES, Antônio Augusto. O que é Cultura Popular?. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A Educação como Cultura. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Cultura Popular e Educação: salto para o futuro. Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, Brasília, 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Educação Popular. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 12 out. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica. Brasília: MEC; SEB; DICEI, 2013. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/media/etnico_racial/pdf/diretrizes_curriculares_nacionais_para_educacao_basica_diversidade_e_inclusao_2013.pdf>. Acesso em: 12 out. 2024.

BRASIL. Lei n. 12.343, de 02 de dezembro de 2010. Institui o Plano Nacional de Cultura - PNC, cria o Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais - SNIIC e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12343.htm. Acesso em: 22 out. 2024.

CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia. Revista Crítica e Emancipação, ed. jun. p. 53-76, 2008.

CHAUÍ, Marilena de Souza. Conformismo e Resistência: aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1986.

COSTA, Raquel Pires. **Rendas, Redes e Lendas:** o vocabulário das rendeiras do município de Raposa - MA. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. 2016.

EAGLETON, Terry. A ideia de cultura. São Paulo, Unesp, 2005.

FERREIRA, Dulcinéia de Fátima; SILVA, Cláudio Vieira; DINIZ Jaqueline Santos; COSTA Dolores Costa da. A cultura do rendar: aprendendo com os saberes e fazeres das rendeiras no município de Raposa-MA. Revista Estudos da Condição Humana v. 2| n. 1| 2024.

FERREIRA, Dulcinéia de Fátima; CACIATORI, Eduarda Gava. Na Gira da Roda entre Educação Popular e Culturas Populares. Web Revista Sociodialeto, v. 12, n. 36, 2022.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro, Paz e Terra, ed. 17, 1970.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. Os Lugares da Memória. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (Coord.) Cultura Popular e Educação: salto para o futuro. Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, Brasília, 2008.

GIL, Antônio Carlos. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 4. ed. São Paulo. Atlas, 2002.

GOHN, Maria da Glória. Educação Não-Formal e Cultura Política. 3. ed. São Paulo, Cortez, 2005.

MARANHÃO. Lei Nº 12.262, de 24 de abril de 2024. Declara e reconhece o Município de Raposa como a Terra do Artesanato Renda de Bilro. Assembleia Legislativa do Estado do Maranhão, 2024. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/ma/lei-ordinaria-n-12262-2024-maranhao-declara-e-reconhece-o-municipio-de-raposa-como-a-terra-do-artesanato>. Acesso em: 30 de dez. 2024.

MARANHÃO. Enciclopédia dos Municípios Maranhenses: Ilha do Maranhão. Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos – IMESC, v.08, 2021.

MATSUSAKI, Bianca do Carmo. Trajetória de uma Tradição: renda de bilros e seus enredos. Mestrado em Têxtil e Moda - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, 2016.

RAPOSA. Lei Nº 321, 16 de maio de 2018. Institui o Dia Municipal da Rendeira e dá outras providências. Câmara Municipal de Raposa, 2018. Disponível em: transparenciadministrativa.com.br/portalimagem/01612325000198/LE_LEI%20MUNICIPAL%20N%203212018%20-%20Institui%20o%20Dia%20Municipal%20da%20Rendeira%20e%20dá%20outras%20providências_20210924132842.pdf. Acesso em: 30 de dez. 2024.

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir – uma perspectiva ético / estético / política no trabalho acadêmico. Cadernos de Subjetividades, Dossiê: Linguagens, nº 2, São Paulo, 1993.

SERRÃO, Ádilla Danúbia Marvão Nascimento. As Tramas da Renda de Bilro: transformações na produção artesanal no município de Raposa – MA. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/CCH) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2019.

SILVA, René Marc da Costa. Cultura Popular e a Educação *In*: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (Coord.) Cultura Popular e Educação: salto para o futuro. Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, Brasília, 2008.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. Metodologia da Pesquisa. Curitiba: IESDE, 2009.

VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, culturas e educação. Revista Brasileira de Educação, ed.23, Ago. p. 5-15, 2003.

VIEIRA, Mariana Arouche. O Programa de Educação Tutorial - PET Conexões de Saberes Comunidades Populares da UFMA e a Experiência de Formação de uma Pedagogia na Perspectiva Interdisciplinar como Prática da Liberdade. Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2022.

APÊNDICE A

ENTREVISTA COM AS RENDEIRAS

1. Nome e idade?

Marilene, 50 anos.

Maria Aldina, 56 anos.

Maria Auriceia, 59 anos.

Fredson, 49 anos.

2. Há quanto tempo pratica a renda de bilro?

Marilene: Comecei com 7 anos.

Maria Aldina: Comecei com 10 anos.

Maria Auriceia: Comecei com 7 anos.

Fredson: Rapaz tá com um ano mais ou menos.

3. Como foi apresentada a essa prática?

Marilene: pela mãe, foi ela que me ensinou, naquela época a gente tinha um poder aquisitivo bem baixo e renda de bilro junto com a pesca era o complemento familiar.

Maria Aldina: aprendi com a vizinha, via ela fazendo e ficava curiosa, aí perguntei pra ela se ela podia me ensinar, aí ela me ensinou e até hoje eu tô aqui fazendo.

Maria Auriceia: quem me ensinou foi a minha mãe, ela é rendeira também, mas Deus já levou ela, ele deixou isso pra mim.

Fredson: pela minha mãe, mas só comecei a fazer quando o projeto começou. Quando eu era criança, eu ajudava meu pai na pesca fazendo as redes e ele deixava uma tarefa que todo dia eu tinha que secar um tubo de nylon em uma rede.

4. A renda de bilro é sua principal fonte de renda?

Marilene: não, hoje eu trabalho na área da educação como supervisora e a renda é um complemento.

Maria Aldina: não, trabalho com pesca, a renda é só um complemento.

Maria Auriceia: do primeiro era, mas agora não, já tô aposentada, ela é só um extra.

Fredson: Não.

5. Mais alguém da família faz a renda de bilro?

Marilene: Sim, tias, primas, todas mulheres.

Maria Aldina: Sim, minha filha.

Maria Auriceia: não, eu tenho uma filha, eu ensinei ela mais ela não quer não porque ela tem outra fonte de renda, ela não quis continuar de jeito nenhum e também uma neta que nunca quis aprender.

Fredson: Minha mãe e irmã.

6. Você participou da elaboração do projeto Redes e Rendas?

Marilene: Sim, o projeto foi um sonho da Associação das Rendeiras, e como presidente, a gente tinha esse sonho para que a cultura não acabasse, de implantar nas escolas pra que viesse colocar em práticas com os alunos, para que eles pudessem dar continuidade na arte de fazer a renda.

Maria Aldina: Participei desde o começo, fui chamada pra ser tutora pela associação.

Maria Auriceia: Sim, desde o início.

Fredson: sim, no de renda e de pesca.

7. Você ganha alguma remuneração para participar do projeto Redes e Rendas?

Marilene: sim, uma bolsa pela Semed.

Maria Aldina: sim.

Maria Auriceia: sim.

Fredson: Sim, eu recebo mil reais por turno que fico na escola.

8. Você usou alguma estratégia para ensinar a renda de bilro aos alunos?

Marilene: Sim, várias inclusive o passo a passo de como se produz um papelão, depois pra prática da renda e depois a comercialização do produto, as estratégias foram o desenho, os pinicados, o enchimento das almofadas e a renda. Usei o incentivo financeiro também, eu levava cinquenta reais toda semana pra escola, à medida que eles iam terminando o trançado eu anotava o nome e depois dava um ou dois reais, no último dia faltava dinheiro de tanto que eles produziam. Eles falam assim 'vou ali ganhar um dinheiro pro lanche' e vem pra cá fazer renda e ganham uns trocados. Os meninos eram os mais interessados, eles vinham aqui e rapidinho faziam a renda, e assim eles foram ficando na oficina.

Maria Aldina: A estratégia, a gente vai ensinando eles até ficarem sozinhos.

Maria Auriceia: Eu chamo muita a atenção eles, bora menino vocês têm que aprender porque isso é uma arte, e os adultos quando morrerem são vocês que vão continuar a fazer, essa arte não pode morrer, ela é boa bonita e é patrimônio da cidade se morrer acabou tudo.

Fredson: Sim, a curiosidade deles pra aprender, porque quando eles viam a gente fazendo eles ficavam perguntando e a gente chamava pra aprender.

9. Você já tinha ensinado crianças/ adolescentes antes do projeto Redes e Rendas? Se não, como foi essa experiência?

Marilene: sim, na associação e no centro de artesanato do Maranhão, na associação a faixa etária e de 12/13 anos, e no centro eram pessoas de mais idade, pessoas de fora e da Raposa.

Maria Aldina: sim, na associação, mas é a primeira vez ensinando na escola, o início foi um pouco difícil porque eles não sabiam e a gente batia a cabeça um pouquinho, mas eles foram pegando o jeito bem rápido. É muito gratificante passar para os jovens o que eu aprendi quando era criança e continuar pra que a renda não pare.

Maria Auriceia: não, eu ensinei adulto na associação, mas criança assim não foi a primeira vez, no início foi suado porque era muito aluno aí a gente ficava meio travada, mas agora eles estão ótimos.

Fredson: sim, ensino na escola dominical da igreja nos finais de semana.

10. Percebeu algum interesse dos alunos em aprender a renda de bilro?

Marilene: Sim, o rendimento foi bom, inclusive tem aluno que hoje faz a renda sem o auxílio do professor, ficaram independentes.

Maria Aldina: sim, não todos, mas alguns são bem interessados, principalmente os meninos, eles são mais interessados que as meninas, toda hora chega um falando 'tia eu quero fazer me ensina' e tem uns que já tem mais prática que as meninas. não houve preconceitos.

Maria Auriceia: Sim

Fredson: Sim, eu vi mais interesse deles na renda do que na rede.

11. Você já trabalhou a renda de bilro em conjunto com outros professores?

Marilene, Maria Aldina, Maria Auriceia, Fredson: sim, com o professor de matemática

12. Houve interesse dos professores em aprender a renda de bilro?

Marilene: Sim, teve o professor de matemática, que se interessou pelas formas geométricas, ele até pegou alguns papelões que tem formas geométricas e aplicou a aula com eles e fez o projeto mostrando que a renda faz parte da matemática.

Maria Aldina: sim.

Maria Auriceia: Sim, tem uns que dizem assim 'eu vou aprender', mas nunca chegou pra gente ensinar.

Fredson: Sim, mas sempre colocam dificuldades pra vim aprender.

13. Você acha que o projeto Redes e Rendas colaborou em algum aspecto na vida escolar dos alunos?

Marilene: Sim, muito, a gente percebe que eles ficaram mais curiosos e que passaram a ficar menos agitados. Alguns melhoraram nas faltas, faltavam muito, aí quando começaram a participar da oficina eles vieram mais pra escola.

Maria Aldina: sim.

Maria Auriceia: Com certeza, tem uns que melhoraram muito na frequência, deixaram de faltar mais, tem outros que melhoraram a concentração, eles mesmos falam isso pra gente, que quando fazem a renda eles se sentem bem.

Fredson: Sim.

14. Como avalia o projeto Redes e Rendas este ano? Mudaria algo?

Marilene: nota máxima, o que eu queria mais era que os alunos menores viessem participar, 1º ou 2º ano.

Maria Aldina: foi bom, próximo ano a gente já vai trazer novos modelos porque esse daqui, o marcador de páginas eles já fizeram. gostaria de mudar o lugar, queria uma sala reservada pra oficina, pra gente sair e deixar o material arrumado porque se deixar do lado de fora eles estragam.

Maria Auriceia: eu gostei, eu espero que nunca acabe, gostaria de ter mais alunos pra ensinar, ter mais professoras pra ensinar em outras escolas. eu ensino pra que no futuro esses alunos ensinem outros e passem pra frente isso. inclusive aqui na escola já tem uns alunos que ensinam outros.

Fredson: Foi bom, gostaria de mudar a questão do espaço porque são 3 no mesmo lugar, renda, pesca e taekwondo e às vezes fica muito barulho e desconcentra quem tá fazendo a renda, erra o ponto.

15. Você pretende continuar ensinando no projeto Redes e Rendas?

Marilene: Com certeza, até talvez em outras escolas para dar continuidade ao projeto e ele chegue a mais alunos. Porém não há planos para expandir por conta da quantidade de professores, rendeira tem muita mas poucas querem vim ensinar, muitas não tem paciência, porque pra ensinar tem que gostar, não é só pelo dinheiro, tem que ter amor a profissão, pra passar os conhecimentos tem que saber passar, não é de qualquer jeito. As rendeiras que estão aqui hoje foram selecionadas pela associação.

Maria Aldina: Sim, porque eu gostei de estar com eles, ensinar eles, eu vou sentir falta deles nas férias.

Maria Auriceia: Sim, porque é bom demais.

Fredson: Sim, eu tô gostando, é uma atividade prazerosa pra mim.

APÊNDICE B

ENTREVISTA COM OS ALUNOS/AS

1. Qual sua idade e série que estuda?

A1: 12 anos, 7º ano

A2: 12 anos, 7º ano

A3: 13 anos, 7º ano

2. Você conhecia a renda de bilro antes do projeto Redes e Rendas? Se não, onde aprendeu sobre?

A1: Não, aprendi na escola com o professor de história, geografia e a de comunicação.

A2: Já tinha ouvido falar, mas só aprendi mesmo nas matérias de história e geografia.

A3: Não, aprendi com o professor de história.

3. O que te chamou atenção para participar do projeto Redes e Rendas?

A1: Eu comecei a fazer quando eu vi os professores falando sobre e vi minha prima fazendo também.

A2: Eu quis participar porque eu achei interessante e bonito as rendas.

A3: No começo eu não me interessei muito, eu via os outros fazendo e pensava que era chato, mas a partir das aulas de matemática eu fiquei curioso, porque eu achava que não tinha nada a ver a renda de bilro com as formas geométricas e quando o professor mostrou que tinha achei legal e fui fazer, aprendi até a pinicar o papelão.

4. Como você se sente quando está fazendo a renda de bilro?

A1: Eu fico mais concentrada, porque não quero errar.

A2: Fico calma, quando eu tô muito concentrada eu esqueço do tempo.

A3: Me sinto bem.

5. Pretende continuar no projeto Redes e Rendas? Por quê?

A1: Sim, porque eu acho legal

A2: Sim, porque eu gosto de fazer a renda de bilro

A3: Sim, porque é legal

6. Você acha que a renda de bilro pode ser uma fonte de renda depois que sair do projeto Redes e Rendas?

A1: Sim, eu acho que vou fazer pra vender e ganhar um dinheiro a mais.

A2: Não, vou fazer só pra mim mesma.

A3: Não, talvez eu faça só pra passar o tempo.

7. Você pretende ensinar alguém sobre a renda de bilro?

A1: Sim, eu já ensinei minha prima.

A2: Sim.

A3: Sim, vou ensinar uns amigos meus que querem aprender.

APÊNDICE C

ENTREVISTA COM A GESTORA

1. Nome e formação?

Hellen Reis, sou formada em Ciências Biológicas, especialização em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Maranhão no campus de Chapadinha e mestre em Ensino de Ciências e Matemática também pela UFMA, mas fiz aqui em São Luís.

2. Quanto tempo atua como gestora?

Há um ano.

3. Como foi pensado o tempo integral na escola?

Foi ainda no período da pandemia, quando a gente precisou pensar em como nós iríamos levar as atividades para os alunos. E aí, naquele momento, eu era a supervisora dessa escola, da Unidade Integrada Sarney Filho, e nós começamos a pensar um projeto de recomposição de aprendizagens. Então, eram enviadas atividades para esses alunos em casa, a gente entregava, em seguida, teve um convite para que eu assumisse a coordenação desse projeto, aí eu fui para a Semed e a gente começou a pensar. No primeiro momento, o tempo integral no município, ele veio com a ideia de recuperar mesmo, que os alunos tinham perdido naquele período que eles ficaram afastados da escola.

Então, iniciou com atividades complementares de português e matemática. E eram duas vezes na semana, esse aluno não tinha alimentação na escola, fora a merenda escolar mesmo, no horário dele, no regular, não tinha almoço, ele não ficava. E aí em seguida foi se vendo a questão das novas políticas de tempo integral que foram surgindo, então foi se modificando o tempo integral ao longo dos anos na Raposa. E aí hoje a gente tem as escolas, são 19 escolas que têm atividade de tempo integral no município e algumas escolas já ficam todos os dias da semana, acho que umas 4 escolas, não posso te dar certeza, mas a gente fica nesse período de 3 dias ainda. Mas a intenção é que ao longo do tempo a gente fique a semana toda. Só que a gente tem que pontuar a infraestrutura, a alimentação, o corpo docente, monitor pedagógico, monitor de apoio, toda uma série de recursos. Então eu fui participando ao longo desse processo, de começar a pensar como seria uma educação em tempo integral no município, mas essa educação em tempo integral no município de Raposa, ela surge muito pela necessidade mesmo de recuperar o que os nossos alunos perderam na pandemia.

Aí ao longo do tempo a gente foi vendo que, por exemplo, o aluno não tinha só a necessidade do português e da matemática, né? Que é o carro-chefe do tempo integral, porque, hoje dentro da educação em tempo integral se entende as disciplinas do currículo comum, que são as dez disciplinas, mas as oficinas

pedagógicas, que são as oficinas de português, matemática, e algumas escolas têm música, outras têm artesanato. Então cada instituição foi vendo as suas necessidades de acordo com a sua localidade. Então isso também é muito legal porque a gente acabou não implementando uma política fechada para todas as escolas. As oficinas surgem a partir da necessidade de cada instituição, e a partir disso, a gente vai fazendo as avaliações e vai entendendo quais são as oficinas que continuam ou não. Então a gente vai pensando o tempo integral dessa forma.

4. Quantas turmas há na escola?

São 17 turmas. Dessas 17 turmas, diariamente eu fico com 11 turmas integralmente. Então eles fazem rodízio. Cada turma fica 3 dias o dia todo na escola e tem 2 dias um turno de folga aí. Então vamos falar que as turmas de 6º e 7º elas têm folga à tarde, 2 dias à tarde, 8º e 9º, 2 dias pela manhã.

5. Você já conhecia a renda de bilro antes de trabalhar na escola?

Sim. Eu morei um tempo na infância aqui. Aí depois, por algumas questões familiares, a gente foi morar em São Luís. Mas o contato com a Raposa, os familiares, tudo sempre continuou aqui.

6. Como foi a implementação do projeto Redes e Rendas?

Então se pensou muito junto com a Marilene, que é presidente da associação, com a senhora Verismar, que é a secretária de educação, e como poderia ser feito o resgate cultural. Partimos do ponto de entender como a geração que está na escola hoje entende a renda de bilro e como poderíamos fazer o resgate cultural dela, porque, quando a gente pensa em escola em tempo integral a gente imagina numa perspectiva de que a inovação tem de ser o cargo chefe, só que, só se inova a partir do momento que o aluno se sente pertencente ao ambiente que ele está, né? Você não vai criar inovação, por exemplo, na pesca no município, como as pessoas de Raposa, se você não fizer com que eles se sintam pertencentes daquele local, a mesma coisa de renda, então se começou a pensar que a renda estava findando, quem faz renda hoje são idosos na sua grande maioria com mais de 50 anos hoje é entrando nessa fase da terceira idade. Então buscamos fazer o resgate cultural com essa nova geração.

Outro ponto interessante é que, antes de vir o artesanato pra cá, a gente já tinha um livro sobre o município, é um livro que foi construído por professores e professoras do município e nesse próprio material, tem muito sobre a renda. Então, quando eu falo sobre isso, eu falo, poxa, já tem um material didático que é disponibilizado para os alunos, eu tenho rendeiras e eu tenho um tempo integral então, o que eu preciso fazer agora? Unir. Então, foi uma conversa da secretaria de educação com a associação.

E aí, se escolheu a nossa escola para fazer o projeto, pois ela fica no centro, perto do corredor das rendeiras e da associação. Então, não se escolheu Sarney Filho só por escolher aleatoriamente, existe toda uma questão de logística, de aproximação.

7. O que você acha do livro didático feito pelo município?

Eu particularmente entendo que o livro didático precisa ser feito por quem é do município e que faz educação do município. Então, a BNCC, quando ela chegou pra gente, uma das grandes palavras que ela trouxe foi a contextualização daquele ambiente. Só que, claro, sempre atrelando aos princípios científicos, porque não se faz educação afastada de ciência. É impossível. Não faz com saber comum, né? O saber comum é modificado, na verdade, ele não é modificado, ele é a nossa grande vitamina. Eu acho que muito dessa questão do resgate cultural se liga ao sentimento de pertencimento, ao que você é. Eu acho que você não melhora e não avança se você não se sente pertencente àquilo ali. Você não consegue valorizar.

A valorização, ela é o princípio. Então, hoje, eu acredito que muitos alunos olham para as nossas rendeiras, para o corredor de rendeiras com outros olhos, sabe? Com um olhar totalmente diferente do que você iniciou. Tem alunos que falam assim, 'poxa, minha avó fazia', tem alunos que reconhecem as imagens dos livros, 'olha, essa é minha avó', 'essa é minha tia', 'essa é minha bisavó' Então é muito importante

8. Você percebeu alguma mudança na vida escolar dos alunos que participam do projeto Redes e Rendas?

Sim, tem alunos que conseguem claramente já fazer aquilo ali, fazer a renda, fazer uma verba com isso, e Marilene tem esse cuidado também com alguns alunos. A gente tem um aluno do oitavo ano ele faz, revende pra ela as peças então acabam que financeiramente esses alunos estão tendo retorno no sentido educacional que é o nosso principal motivo e socialmente também.

9. Como se deu a escolha das rendeiras para o projeto Redes e Rendas?

Pela habilidade sabe? Porque eu não entendo nada de renda, eu não sei como é que faz, eu não sei como é que pega, então eu precisava ter alguém que entendesse que fizesse isso de fato. Então é uma parceria com a Associação das Rendeiras, pra que pessoas que de fato saibam fazer ensinem como fazer, então desde cedo tem essa aproximação. Elas também participam de todas as atividades pedagógicas na escola, elas participam de tudo, porque, assim, elas são as nossas professoras, né? Então, colegiado, planejamento coletivo, elas realizam o planejamento delas, as festividades da escola, a feira de ciência. Então, na verdade, hoje, elas são funcionárias da nossa escola, elas participam das atividades de cunho pedagógico da escola, organizando, participando, pensando, dando a sua voz.

10. Você consegue perceber a valorização da cultura do rendar dentro da escola?

Sim. Nós temos funcionárias e funcionários que fazem, que de vez em quando vão lá, sabe? Eu acho que também causa curiosidade em quem nunca viu, em quem não teve aproximação com isso durante sua infância ou sua juventude. A escola, o município, na verdade, por estar muito próximo de São Luís, nós temos a grande maioria do nosso corpo docente de fora. Então, assim, quem está lá em São Luís, que cresceu e nasceu, vamos falar, lá na Vila Nova. A proximidade com a renda, ela é... Quase nula, então a curiosidade em saber, você vai acabando valorizando, entendendo a história. Até mesmo quem mora aqui, porque eu moro aqui, mas assim, fui conhecer de relance fui conhecer mesmo aqui vendo o projeto aqui da escola. Eu vejo ali uma moça sentada fazendo renda na porta da sua casa no fim da tarde, mas o que é isso? Como é feito? Qual é o material que é utilizado? De onde vem esses espinhos? Então tudo isso é a história viva do município que eles estão aprendendo, quando você começa a fazer que a história saia do papel ou da mente de alguém e as pessoas começam a ouvir ela, elas vão criando sim uma curiosidade. A história precisa ser narrada verbalmente para que a gente comece também a entender, ela precisa ser contada, né? O que não é contado morre, e que lugar melhor de contar que não é escola que é local de fazer história.